

ALCIPE E OS SALMOS

Vanda Anastácio

A paráfrase dos salmos levada a cabo por D. Leonor de Almeida Portugal constitui uma das facetas menos estudadas da sua obra: não só não tem despertado o interesse daqueles que se debruçaram sobre a sua poesia, como raramente surge mencionada na escassa bibliografia relativa às adaptações e traduções do texto bíblico para a língua portuguesa¹. É possível que este esquecimento se deva, em parte, à complexidade do tema: pelo facto de se tratar de um dos livros mais antigos da *Bíblia* e sendo constituído exclusivamente por poemas destinados ao canto, o Saltério suscita questões do ponto de vista, ecdótico, estilístico e exegético cuja complexidade constitui um desafio para os estudiosos. É tendo em conta essas dificuldades que partimos para a abordagem da versão de Alcipe advertindo o leitor de que, mais do que um trabalho acabado, o que aqui se apresenta deverá ser visto como um relatório de investigação, correspondendo a uma fase de levantamento de dados e de problemas.

Na exposição que se segue, centrar-nos-emos na relação da Marquesa de Alorna com o texto dos salmos bíblicos. As informações que pudemos reunir sobre o assunto até ao presente levam-nos a ter em conta dois aspectos fundamentais: por um lado, a documentação existente permite situar o convívio de D. Leonor de Almeida com o *Livro dos Salmos*, na sua juventude e, por outro, o estudo comparativo das três edições conhecidas da sua paráfrase – publicadas respectivamente em 1817, em 1833 e em 1844 - revela que se tratou de um projecto desenvolvido em várias fases, no qual a autora trabalhou ao longo de, pelo menos, duas décadas. No tratamento destes dados,

¹ Menciona-a, Fortunato de Almeida, no capítulo XI «Literatura Eclesiástica» da *História da Igreja em Portugal*, tomo III, Porto-Lisboa, Livraria Civilização, 1970, p. 407, nos termos seguintes: «Entre os poetas tradutores de livros bíblicos figura a Marquesa de Alorna; D. Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre, que em vários ritmos parafraseou os cento e cinquenta salmos. Este trabalho, com as paráfrases de outros cantos bíblicos e de alguns hinos eclesiásticos, veio a formar o tomo VI das *Obras da Marquesa*.» Infelizmente o exaustivo trabalho de G. L. Santos Ferreira, *A Bíblia em Portugal*, Lisboa, Typografia Ferreira de Medeiros, 1906, ignora esta obra.

procuraremos reflectir acerca do significado que poderá ter a paráfrase dos salmos levada a cabo por Alcipe no contexto da sua biografia, no conjunto da sua obra, e no âmbito mais vasto da sua estratégia de actuação enquanto mulher de letras.

Aprender com os Salmos

Como se sabe, D. Leonor de Almeida Portugal viveu reclusa no convento de São Félix, em Chelas, entre os 8 e os 26 anos de idade, graças a uma medida política tomada por D. José I e pelo seu Primeiro Ministro na sequência do atentado ao monarca ocorrido a 3 de Setembro de 1758. Durante os 18 anos em que permaneceu no convento, D. Leonor esteve separada de seu pai, D. João de Almeida Portugal, 2º Marquês de Alorna, que havia sido encarcerado inicialmente na torre de Belém e, mais tarde, no Forte da Junqueira. No entanto, apesar de se encontrar isolado da família, D. João conseguirá, através de diversos estratagemas, corresponder-se em segredo, primeiro com a mulher, D. Leonor de Lorena, depois com as filhas e, posteriormente, com o filho, D. Pedro José de Almeida Portugal, que ficara em liberdade, mas sob tutela do Marquês de Pombal. Por motivos de segurança, as cartas trocadas entre D. João de Almeida e a família neste período não se encontram datadas, mas é possível situar as primeiras missivas à esposa, de forma aproximada, em torno dos anos 1763-1764, e às filhas a partir de 1768.

Um dos traços mais característicos das cartas de D. João de Almeida é o facto de não se demitir nunca do seu papel de educador, apesar da distância que o separa da família. Este aspecto é especialmente observável nos escritos dirigidos à mãe de Alcipe, nos quais, para além de manifestar as suas preocupações com a precaridade dos meios de que dispõe para levar a cabo essa missão, dá indicações precisas quanto ao modo

como esta deverá orientar os filhos². Estas missivas revelam-nos um homem profundamente religioso, capaz de manter inabalada a fé que deposita no seu Deus apesar das maiores provações. Feito prisioneiro por suspeita de um crime que não cometeu, D. João não duvida de que a Verdade e a Justiça prevalecerão, e encara o sofrimento como um meio de que Deus se serve para lhe permitir aperfeiçoar-se espiritualmente. Diz, por exemplo, à esposa, em carta não datada:

Como diz Santo Agostinho e São Jerónimo os nossos pecados são remidos pela confissão, são cobertos pela caridade de Deus e desvanecem-se pelo martírio. Assim assentemos que com este martírio quer Deus desvanecer todas as nossas culpas, e alegremo-nos desta especialidade com que Deus nos trata, e certamente que não pode haver martírio que melhor mostre proceder da bondade de Deus do que o nosso, não havendo em nós nada que pertença à justiça da terra que nos persegue e que devemos considerar como instrumento de que Deus se serve para a nossa purificação³.

Estas afirmações ilustram um aspecto particularmente relevante no momento em que tentamos entender os fundamentos dos princípios adoptados na educação de D. Leonor de Almeida: o facto de estarmos perante indivíduos ideologicamente integrados numa cultura e num sistema social marcados a todos os níveis (legislação, instituições, actuação política, práticas sociais) pelo Catolicismo⁴. Assim, não surpreende que as recomendações feitas por D. João de Almeida a sua mulher se baseiem numa visão do mundo estruturada a partir da religião. Sublinhe-se, no entanto, que o Marquês de Alorna agia de maneira informada, apoiando as suas opiniões num número apreciável de obras pedagógicas que tiveram grande circulação na época. Tratava-se, necessariamente, de leituras anteriores à sua prisão, mas que não podemos afirmar que estivessem desactualizadas: os textos de Claude Fleury (1640-1723), de Charles Rollin (1661-1741), de Fénelon (1651-1715) ou do próprio Pascal (1623-1662), repetidamente

² Esta correspondência, preservada no Arquivo do Palácio Fronteira, encontra-se em fase de publicação.

³ Arquivo do Palácio Fronteira (cota: JOAMUL28)

⁴ Para uma tentativa sintética de caracterização da sociedade portuguesa da época, veja-se: António Hespanha «As identidades eminentes: católicos, europeus, hispânicos» in *História de Portugal*, (dir. José Mattoso), vol IV, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, pp. 20-25.

mencionados nas cartas do pai de D. Leonor de Almeida nas décadas de 60 e 70, continuaram a ser tomados quer como modelos, quer como tema de controvérsia, em Portugal como noutros países europeus, durante a centúria seguinte⁵. É neste contexto, e em associação com a *educação cristã* que deseja dar às filhas, que encontramos os documentos mais claros de que o Saltério terá sido apresentado a Alcipe desde cedo, simultâneamente como modelo poético e moral.

A leitura atenta destas missivas permite verificar que um dos problemas com que se debatem os pais de D. Leonor de Almeida enquanto educadores é, precisamente, o seu talento. Homem culto e interessado pelas letras⁶, D. João de Almeida não condena a veia poética da filha – um facto de certo modo surpreendente se tivermos em conta qual era o papel reservado às mulheres solteiras no Portugal das décadas de 60 e 70 do século XVIII⁷ ou, até, as reservas manifestadas pela maioria dos pedagogos de então quanto à prática da poesia pelos jovens e pelas mulheres⁸. Tal como muitos dos pensadores do

⁵ Recordemos a título apenas ilustrativo que a obra de Charles Rollin, *De la manière d'enseigner et d'étudier les Belles-Lettres*, Paris, 1726-1728 havia constituído uma das fontes do *Verdadeiro Método de Estudar* de Luís António Verney (Cfr.: António A. Banha de Andrade, *Verney e a Cultura do seu Tempo*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1965) e que Os *Discursos* do Abade Fleury, apesar de terem sido proibidos pelo Edital da Mesa Censória de 26 de Novembro de 1772, foram traduzidos e publicados em Lisboa em volume dedicado a Frei Manuel do Cenáculo em 1773 (DISCURSOS / SOBRE A HISTORIA / ECCLESIASTICA / POR Mr. O ABBADE DE FLEURY / NOVA EDIÇÃO, / Augmentada dos Discursos sobre a Poezia / dos Hebreos, sobre a Escripura Santa, / sobre a Pregação, sobre as Liberdades da Igreja Gallicana. / AJUNTOU-SE-LHES O DISCURSO / Sobre a Renovação dos Estudos Ecclesiasticos de M. o Abbade Goujet, e hum / Index composto pelo Tradutor/ Exposto tudo na lingua Portugueza, e offrecido / AO EXCELLENT. E REVER. SENHOR / D. Fr. MANOEL DO CENACULO, / Bispo de Beja, do Conselho de Sua Magestade, Con / fessor, e Mestre do Serenissimo Senhor Principe / da Beira, e Presidente da Real Meza Censoria &c. &c. &c. / PELO BACHAREL / LUIZ CARLOS MONIZ BARRETO / TOMO III / LISBOA, / Na Officina de ANTONIO VICENTE DA SILVA / MDCCLXXIII / Com licença da Real Mesa Censoria / A custa de Luiz Antonio Alfeirão, vende-se em sua casa.). Lembremos também que o *Catecismo Histórico* do mesmo autor, que é, de facto, uma versão abreviada da obra acima referida, se encontrava traduzido para português, pelo menos, desde 1753, e que foi repetidas vezes reeditado em Portugal até aos anos 80 do século XIX.

⁶ Para além de ter sido membro da Academia de História, D. João de Almeida Portugal foi homenageado enquanto cultor das letras por Mathias Pereira da Sylva, que lhe dedica a o tomo III da *Fénix Renascida ou obras poéticas dos melhores engenheiros portugueses*, Lisboa, Off. dos herd. De António Pedrozo Galram, 1746.

⁷ Veja-se Maria Antónia Lopes, *Mulheres, espaço e sociabilidade : a transformação dos papéis femininos em Portugal à luz de fontes literárias (segunda metade do século XVIII)*, Lisboa, Livros Horizonte, 1989.

⁸ Recorde-se, por exemplo, que na Carta VII do *Verdadeiro Método de Estudar* Luís António Verney segue, quanto a este particular, a proposta de Charles Rollin (1661-1741), o qual, na obra já acima referida *De la manière d'enseigner et d'étudier les Belles-Lettres*, Paris, 1726-1728, propunha que se tomassem cuidadosas precauções no ensino da poesia a crianças e a jovens para evitar que se

seu tempo, o pai de Alcipe considera que o gosto pela composição de poemas constitui uma inclinação perigosa, mas parte do princípio de que esta pode ser «guiada» e «regulada», de acordo com um programa que começa por expôr, nos termos seguintes, em carta não datada preservada no Arquivo do Palácio Fronteira:

Sobre os versos de Leonor acho-os galantíssimos e não importam as regras de nada e o que eu observo é certamente a naturalidade e já uma desposição no discurso que certamente é rara na sua idade porque nestes últimos versos se vê um princípio, um progresso e um fim encerram em substância o que ela verdadeiramente me devia dizer que é para louvar a Deus como por infusão vai suprimindo a falta de educação que nós lhe poderíamos dar [...] já fazia tenção de fazer um discurso sobre a poesia mais depressa, *para ti e para saberes o como devias guiar Leonor na sua veia poética*, e também depois disso mandarei um caderno de conceitos e de máximas para que não só lhe sirvam e lhe dem juízo mas para ver como o seu génio as sabe pôr em verso, e esta casta de coisas é pertencente ao que chamam Ética que é essencial para a poesia⁹

Como se verifica, a poesia é, na visão do Marquês de Alorna, indissociável de uma Ética, que pode ser aprendida através de «conceitos e máximas». Este aspecto será explicado e desenvolvido numa carta posteriormente enviada à esposa, preservada no mesmo Arquivo, que citamos:

Minha filha dos meus olhos ainda que fazia tenção de te mandar um discurso muito concertado sobre a Poesia, *para tu regulares a veia que tem mostrado Leonor, e concordares nessa deligência com o que eu desejo* [...] por isso me resolvo agora a dar princípio a esta obra, sem fazer borrão, nem me apurar no estilo, e ordem dele [...].

Está assentado entre as pessoas que se prezam de bom gosto, que a nossa religião é imprópria para versos, ao mesmo tempo que a poesia tem uma extrema necessidade da religião Pagã, que é a fábula, e que sem ela toda a obra Poética é insípida e mostra que lhe falta o nervo principal.

corrompessem moralmente. Fazendo-se eco deste mesmo ponto de vista, o abade Claude Fleury (1640-1723) exprime claramente, no *Traité du choix et de la méthode des études*, (publicado pela primeira vez em 1675 mas refundido em 1677 e em 1688) no Capítulo XXXVI intitulado «Études des femmes», que a poesia é especialmente perigosa para as mulheres, pelo facto de se achar então que teriam uma natureza mais facilmente corruptível que a dos homens. Algo de semelhante se acha na obra *De l'éducation des filles* de Fénelon (1651-1715) na qual o autor adverte que a leitura da poesia é perigosa para as mulheres, pelo facto de poder impressionar de modo indesejável a sua imaginação. Para um enquadramento europeu da mesma problemática, veja-se, por exemplo, o estudo realizado para o caso inglês por Jacqueline Pearson, *Women's Reading in Britain 1750-1835. A dangerous recreation*, Cambridge, Cambridge University Press, 1999.

⁹ Arquivo do Palácio Fronteira (cota: JOAMUL21)

As Poesias Cristãs, que se tem composto parecem confirmar esta openião, por serem todas insulsas, principalmente em comparação das que são ornadas com a fábula.

Por esta razão para a poesia da moda é perciso estudar a fábula, a história antiga, ler Poemas, assim antigos como modernos, *e entrar deste modo em um estudo absolutamente oposto a tudo o que constitui uma educação Cristã, como a que nós devemos dar a Leonor*¹⁰.

Note-se que a palavra *fábula* é usada no século XVIII para designar a mitologia greco-latina e recorde-se que a utilização alegórica desta, na poesia, alimentou discussões polémicas no espaço europeu, até meados do século XVIII¹¹. Nestas missivas dirigidas à esposa, D. João de Almeida retomará alguns dos argumentos em confronto à luz de uma visão da prática poética segundo a qual esta tem implicações sobre a salvação ou a corrupção moral de quem se lhe dedica (no que coincide, aliás, com a dos filósofos cristãos seus contemporâneos). Do seu ponto de vista, a poesia é tanto mais perniciosa quanto é agradável, e conclui que, ainda que lhe pareça que só é possível chegar a ser bom poeta através da leitura de muitos versos, não acha recomendável que os cristãos o façam:

O que eu entendo sobre a necessidade da fábula para a poesia, é, que nada prova tanto como esta mesma necessidade, a nossa corrupção, porque a fábula não é outra coisa senão a verdade viciada pela malícia humana, e alterada pelos contratempos que sofreram as tradições, antes que se inventasse a arte de escrever, e perdendo os homens deste modo, e insensivelmente as ideias puras da devindade, foram adequando a mesma devindade às fraquezas humanas, de modo que pelo discurso do tempo, e pelo antusiasmo dos Poetas, que foram os primeiros escritores, e Teólogos do Paganismo se veio a formar a patifaria de Deuses de que se compõe a mitologia, e como a corrupção nas gentes se não tem extinguido apesar das deligências que Deus tem feito para nos purificar, daí procede este gosto do século, que por falta de pureza e de simplicidade não acha coisa que lhe agrade senão na corrupção e na desordem da fábula, e este gosto, e esta necessidade que se acha, para a boa poesia, influi sobre toda ela de modo que quem quiser ser poeta, e Cristão ao mesmo tempo deve fugir de poesias como da peste; sem embargo de lhe serem percisas, porque na muita leitura de versos é que se acha a verdadeira arte Poética, e a arte de inventar, e imitar, que é o que não se consegue, com o conhecimento das regras de verseficação.

¹⁰ Arquivo do Palácio Fronteira cota: (JOAMUL32). Sublinhado nosso.

¹¹ Remetemos uma vez mais para o abade Claude Fleury, *Op. cit.*, para Charles Rollin *Op. cit.*, e para Luís António Verney, *Op. cit.* e recordamos que a actualidade dessa discussão em Portugal é ainda bem visível em meados do século, nos textos de árcades como Correia Garção e António Dinis da Cruz e Silva.

Para obviar ao paradoxo assim anunciado, o pai de Alcipe cita as advertências do Abade Fleury¹² quanto aos perigos de dar a ler à juventude, para lhe formar o gosto, obras belas que podem corrompê-la:

Dá o Abade de Fleury um parecer sobre a poesia, que assim me pareceu admirável, dizendo que se não pode persuadir de que Deus desse imaginação viva a algumas pessoas, somente para a empregar em brincar, em lisonjear, a excitar as paixões creminosas, que é o que costumam fazer todos os Poetas modernos, e também entende, que não é este o verdadeiro uso do juízo, e o que se pode perceber da intenção de Deus, é de que quer que as graças exteriores sirvam para nos fazer gostar das verdades sólidas e boas máximas. Emfim, continua o mesmo abade não separemos o útil do agradável, nem empreguemos o génio, o estudo, e a arte em dar a gente nossa coisas que os envenena, e os corrompe debaixo do pretexto de lhe dar bom gosto.

É partindo desta reflexão que D. João de Almeida advogará aquilo a que chama «um novo método de ser poeta» para sua filha, no qual atribui ao livro dos Salmos um papel primordial:

De tudo o que até aqui tenho dito se deduz, que *com Leonor se deve seguir um novo método de ser poeta, e desviá-la do que nesta matéria se acha estabelecido*¹³.

Na nossa religião tem campo vasto para fazer estudo, que favoreça a veia poética, e tem logo os Salmos, que são obras Poéticas, em que se pode instruir muito, porque neles se acham cânticos, acções de graças, louvores não só a Deus, mas a generais, a reis, etc., Epitalâmios, nobres figuras, e ideias sublimes, e máximas infenitas; mas destas últimas se acham mais nos Livros Sapienciais no de Job, e nos Profetas.

¹² D. João de Almeida Portugal refere-se aqui a Claude Fleury (1640-1723), e inclui na sua carta alusões indirectas a duas obras deste autor que tiveram grande difusão na Europa: o *Discours sur l'Histoire Ecclesiastique* e o *Traité du Choix et de la methode des Etudes* (publicado pela primeira vez em 1675 mas refundido em 1677 e em 1688).

¹³ Sublinhado nosso. A expressão constitui, de facto, uma citação indirecta do *Discours sur l'Histoire Ecclesiastique* do Abade Claude Fleury que afirmava [citamos pela edição de 1774, Porto, F. Clamopin Durand p. 295]: « Et pourquoi au contraire employer le génie, l'étude et l'art de bien écrire, à donner aux jeunes gens & aux esprits foibles des ragouts & des friandises qui les empoisonnent & qui les corrompent, sous pretexte de flatter leur gout? Il faut donc, ou condamner tout a fait la Poesie, ce que ne feront pas aisément les personnes savantes & equitables; ou lui donner des sujets dignes d'elle, et la reconcilier avec la véritable Philosophie, c'est-à dire la bonne morale et la solide piété. *Je sais que ce genre d'ecriture serait nouveau en notre langue, & que nous n'avons point encore d'exemple de Poesies Chretiennes qui ayent eu un grand succès; et je crois bien que la corruption du siècle, & l'esprit de libertinage qui regne dans le grand monde, y forment de grands obstacles: mais peut-etre aussi y a-t-il de la faute des Auteurs.*» Sublinhado nosso.

Depois de sugerir que a leitura destes textos bíblicos poderá ser complementada com a leitura de obras morais (como a *Imitação de Cristo*, as *Pensées* de Pascal, as máximas de La Rochefoucauld, etc.) e de artes poéticas (cita Horácio, Boileau e o *Tratado do Sublime* do pseudo-Longino)¹⁴ sublinha:

eu não quisera que Leonor tomasse inteligência de fábula, senão depois de grande, e de bem radicada em Cristandade, e bom moral. E depois disto é que poderia meter-se ler Poemas, e versos do século.

A carta termina com uma última indicação de leitura, também ela relacionada com o Saltério:

também te mandarei a tradução de um Salmo que fez Camões, em redondilhas, que é coisa maravilhosa, e o seu desengano do mundo, que são as únicas obras que se podem por agora mostrar a Leonor, deste autor. E pelo tempo adiante te irei dizendo várias outras coisas nesta matéria.

A ênfase posta pelo pai da futura Marquesa de Alorna no estudo dos salmos como forma de aprendizagem da poesia pode ser melhor entendida se tivermos em conta que estes textos foram apresentados pelos historiadores e preceptistas católicos da época como documentos da poesia primitiva, anterior à corrupção dos costumes causada pelas crenças na mitologia do paganismo. Cingindo-nos apenas aos autores citados pelo Marquês de Alorna¹⁵, lembremos que Claude Fleury inclui entre os seus *Discours sur*

¹⁴ Eis as suas palavras: «Para tudo isto necessitava Leonor de saber Francês, e com isso acharia além da escritura muitos outros socorros, principalmente em matérias morais, que são as em que todo o Poeta deve fazer o maior estudo, e principalmente da forma que eu quero que o seja Leonor, e disto há belos livros, como são os caracteres de Teofrasto, os caracteres de Epiteto, as máximas do Duque de la Rochefoucauld, Séneca, a *imitação de Jesus Cristo*, uns compêndios de máximas cristãs, os *Pensamentos* de Pascal, e além disto tratados de Ética, e tratados sobre as paixões, como é o de Descartes, e o que vem na segunda parte da *Retórica* de Aristóteles.

Também pode ler artes Poéticas, como são a de Horácio de que há tradução, a de Boileau, e o discurso que este autor traz sobre o Sublime de Longino.» Recorde-se a grande popularidade que teve na segunda metade do século XVIII a edição conjunta de alguns destes textos, coligida e prefaciada pelo Abbé Batteux, *Les quatre poétiques: d'Aristote, d'Horace, de Vida de Despréaux*, 2 vols., Paris, 1771, um autor muito citado na correspondência tanto pelo Pai de Alcipe, como pela própria.

¹⁵ Encontramos a mesma visão da poesia do Antigo Testamento como poesia primitiva nas obras de outros autores muito difundidos durante o século XVIII que não são citados por D. João de Almeida Portugal, dos quais os mais conhecidos hoje talvez sejam Biagio Garofalo *Considerazioni intorno alla poesia degli ebrei e dei grechi* (1707) no início do século, R. Lowth, *De sacra pœsi Hebraerum*,

l'Histoire ecclesiastique um texto intitulado «Sur la Poesie des Hebreux» no qual, para além de expôr os aspectos citados, inclui a análise estilístico-literária de diversos salmos¹⁶. Na mesma ordem de ideias, observemos que Charles Rollin inclui no tomo II do manual *De la Manière d'enseigner et d'Etudier les Belles-Lettres* um capítulo intitulado «De l'Eloquence de l'Ecriture Sainte» onde, para além de identificar as figuras de estilo mais frequentes na Bíblia, e de inventariar personagens (que designa por «*caractères*») e lugares «*sublimes*», «*tendres*» e «*touchants*» da mesma, apresenta como modelo do estilo sublime o *Cântico de Moisés* procedendo à sua explicação «segundo as regras da retórica»¹⁷ e que o próprio Batteux, a cuja obra *Principes de la Littérature*¹⁸ D. Leonor de Almeida se referirá, na correspondência conservada, com frequência e com admiração, partilha da mesma convicção de que a poesia nasce da expressão do louvor a Deus, propondo como exemplo didáctico para análise literária, o salmo 103¹⁹. Tendo em conta estes aspectos, podemos verificar que, consciente das ideias que circulam sobre o tema da aprendizagem da Poesia, D. João de Almeida escolhe modelos de actuação concretos e procura pô-los em prática, aplicando-os ao caso específico da jovem D. Leonor.

Rezar com os Salmos

Parece importante ter presente, por outro lado, que os salmos estavam presentes na vivência quotidiana da espiritualidade de setecentos, e que a sua recitação era – então

praelectiones academicae... (1753), ou Johann Gottfried von Herder, *Über der Geist der ebräische Poesie* (1782-1783) já nos finais de setecentos.

¹⁶ *Op. cit.*

¹⁷ Citamos a partir de Claude Rollin, *De la maniere d'enseigner et d'etudier les Belles-Lettres par raport à l'esprit & au Coeur*, Paris, Chez la Veuve Estienne, & Fils, rue de Saint Jacques, à la Vertu, 1748, tomo II.

¹⁸ Citamos a partir de Batteux, *Principes de la littérature par M. l'Abbé Batteux, Professeur Royal, de l'Académie Française & de celle des Inscriptions & Belles – Lettres*, Nouvelle edition, 4 vols., Paris, Chez Desaint & Saillant, 1764. (Trata-se de uma refundição da obra *Les Beaux Arts réduits à un même principe* publicada pela primeira vez em 1746)

¹⁹ Batteux, *Op. cit.*, capítulo IX, tomo III.

como hoje -, parte integrante das cerimónias da liturgia. Um olhar atento permite observar que as alusões ao saltério permeiam o discurso dos católicos da época, mesmo tratando-se de textos não especificamente catequéticos ou destinados a divulgação pública. Para que assim acontecesse contribuiu, sem dúvida, o facto de este livro da *Bíblia* ter sido encarado desde muito cedo como uma forma privilegiada da devoção privada, e de a recitação dos salmos ter sido apresentada (pelo menos a partir da difusão da célebre *Carta a Marcelino sobre a Interpretação dos Salmos* escrita por Santo Atanásio por volta do ano 350), como a forma de oração mais adequada à expressão de todas as emoções do indivíduo na sua relação com Deus²⁰.

Se fosse necessário comprovar que a aplicação do texto dos salmos às circunstâncias da vida de cada cristão era levada a cabo pelos católicos setecentistas, poderíamos citar a referida correspondência de D. João de Almeida à esposa²¹, mas para o tema que aqui procuramos desenvolver, importa-nos sobretudo recordar uma carta enviada, anos mais tarde, a D. Leonor de Almeida, por aquela que foi a sua visita mais assídua durante os anos de encerramento: D. Teresa de Mello Breyner (1739-?). Esta senhora, para consolar a amiga numa das muitas ocasiões de aflição vividas ao longo desses anos, escreve, em carta datada 28 de Fevereiro 1771:

²⁰ Na *Carta a Marcelino sobre a Interpretação dos Salmos*, Santo Atanásio (296-373) aconselha a utilização subjectiva dos textos do Saltério, sugerindo que cada cristão os adapte às suas vivências pessoais, ou seja, a situações estranhas ao conteúdo original do texto bíblico.

²¹ D. João de Almeida diz por exemplo, na mesma carta com a cota JOAMUL28: «ponhamos a este respeito nas mesmas disposições em que esteve David quando dizia a Deus que nunca desconfiaria da sua misericórdia e estaria firme em o adorar e esperar nele ainda quando se visse acometido por todas as potências celestes, infernais e terrestres e sempre seguros em que quem nos defende é mais forte que quem nos ataca como dizia Santo Atanásio vendo-se apertado dos seus inimigos, triunfaremos como o mesmo Santo pelo meio desta fé e desta esperança.» Sublinhado nosso. Ou ainda, em carta enviada da Torre de Belém, não datada (preservada no Arquivo do Palácio Fronteira com a cota: JOAMUL5), na qual D. João de Almeida Portugal aprecia as melhoras verificadas na saúde da esposa do modo seguinte: «Nesta maravilha vês tu que assim como sucede nas coisas corporais também pode suceder o mesmo nas coisas morais e ter a nossa fortuna uma tão grande mudança como tem tido a tua saúde e como não há lição tão eficaz como a que dá a experiência em ti mesmo acharás o mais claro conhecimento da providência para com ele te saberes resignar e não só não perder ânimo nas ocasiões de más aparências e muito menos estar tremendo de perigos imaginários *mas ainda em cima descansares e servires a Deus na alegria como diz o Salmo* porque Deus não gosta dos melancólicos e o espírito Santo se desvia dos tristes, isto é daqueles que nas aflições não querem dar assento senão ao seu amor próprio e combatem com ele a conformidade e a humildade que Deus exige deles.» Sublinhado nosso.

Julgas-me com justiça se crês que julgo como próprios os teus interesses; e por ser assim quando vi que estavas aflita, não podendo sofrer a tristíssima representação, de que haveria algum novo desgosto contra a tua aflita família levei o meu discurso para aquela parte contigo espero, que *não serão confundidas as nossas esperanças, porque vizinho está o Senhor dos que tem atribulado coração; e há-de salvar os humildes, que nele confiam*. Quando virmos completo esse gosto com júbilo poderemos recitar o salmo xxxiii? Lê-o, que te hás-de consolar ainda mais; e nessa lição não se aprende pouca poesia; eu sempre que tomo na mão o *Psalterio*, me sinto encantar observando a magnificência daquelas imagens, quasi inimitáveis, e soberanamente Poéticas ainda algum dia te hei-de desafiar para algum estudo sobre isso²².

Não temos maneira de saber se a decisão D. Leonor de se dedicar à paráfrase dos salmos se relaciona de alguma forma com o desafio lançado em 1771 pela Condessa do Vimieiro. A verdade é que só dará à estampa uma obra desta natureza em 1817, mais de 40 anos depois, aos 67 anos de idade, ou seja, quase duas décadas depois da morte de D. Teresa, num momento da sua biografia que pouco tem já que ver com a situação de clausura em que passara a juventude.

O trabalho de Alcipe poderá ser melhor entendido, segundo cremos, se o inserirmos no panorama mais amplo da proliferação de traduções e de adaptações dos textos bíblicos que se observou na segunda metade do século XVIII, tanto nos países protestantes como nos católicos, uma voga que foi impulsionada, no caso destes últimos, pela autorização para impressão e leitura da *Bíblia* em língua vulgar concedida por Bento XIV, em decreto da Congregação do Index datado de 13 de Junho de 1757. Sinal de uma profunda mudança de atitude, por parte da ortodoxia da Igreja quanto ao modo de encarar a relação dos fiéis com o texto sagrado, este decreto veio devolver a Bíblia aos católicos num momento em que as correntes de pensamento dominantes preconizavam a difusão de ideias e de saberes junto do maior número de indivíduos. Por

²² Raquel Bello Vázquez, *Uma certa Ambição de Glória. Trajectória, redes e estratégias de Teresa de Mello Breyner nos campos intelectual e do poder em Portugal (1770-1798)*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Santiago de Compostela, Santiago, 2005, carta [19]. Repare-se como, também do ponto de vista desta mulher de letras, o saltério surge descrito como uma «lição» de poesia e um repositório de imagens poéticas.

um lado, a maior acessibilidade do texto bíblico no espaço do Catolicismo possibilitada por esta medida, acompanhou a preocupação então manifestada pelos sectores cultos das sociedades europeias, com a instrução e a educação dos povos, em nome do bem público e da felicidade e, por outro, parece ter constituído uma resposta aos defensores do chamado «iluminismo católico» que desejavam uma renovação religiosa que partisse de uma maior aproximação aos ensinamentos dos textos sagrados e preconizavam uma vivência espiritual mais próxima das práticas do cristianismo primitivo, uma melhor formação teológica do clero e a erradicação de formas de devoção de tipo afectivo e popular, consideradas próximas da superstição.

Traduzir os Salmos

É neste período (durante o reinado de D. Maria I) e nesta conjuntura ideológica que surgem as primeiras traduções católicas da Bíblia para língua portuguesa²³, realizadas a partir da *Vulgata* latina por Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmiento (em 1777, em 44 volumes)²⁴ e pelo Padre António Pereira de Figueiredo (entre 1778 e 1790 em 17 tomos). Ao contrário da tradução de Frei Francisco Sarmiento, considerada pouco fiel pelos exegetas posteriores, a tradução de Pereira de Figueiredo, alargada, pela primeira vez em língua portuguesa, a todos os livros apócrifos do Velho Testamento, foi muito bem acolhida na época, tanto pela ortodoxia católica, como pelos representantes

²³ Sublinhamos que se trata das primeiras traduções feitas no âmbito do Catolicismo, pois circulavam entre os protestantes, desde o século XVII, traduções portuguesas da Bíblia. Tanto quanto se sabe, a primeira tentativa de traduzir a Bíblia para português foi realizada a partir da versão grega dos LXX pelo Padre João Ferreira de Almeida, que nasceu em Lisboa em 1628, emigrou para a Holanda e chegou Malaca, em 1641, depois da tomada deste território aos holandeses. Convertido ao protestantismo em 1642, traduziu o Novo Testamento por volta de 1644-45 (a primeira edição é de 1681) mas não chegou a concluir a tradução do Velho Testamento (tendo ficado no livro de Ezequiel, Cap. 48, vers. 21). A primeira tradução do Saltério para língua portuguesa, anónima, foi feita a partir da Bíblia inglesa e ficou a dever-se ao esforço da «Sociedade Britânica Propagadora da Fé Cristã» que a estampou o *Livro da Oração commum e administração dos Sacramentos e outros ritos e cerimoniaes da Igreja conforme o uso da Igreja de Inglaterra, juntamente com o salterio, ou Salmos de David*, em Oxford, na Estampa do Teatro, em 1695. Para uma apreciação destas obras e para uma relação das traduções portuguesas da Bíblia veja-se G. L. Santos Ferreira, *Op. cit.*

²⁴ Fr. Francisco de Jesus Maria, *Historia biblica e doutrina moral da religião catholica, extrahida dos livros santos do Antigo e Novo Testamento, etc*, 44 vols, Lisboa, 1777.

da igreja anglicana²⁵. A sua versão do livro dos Salmos, saída à luz em 1783, tornou-o acessível aos católicos que não sabiam latim, alargando assim a possibilidade do seu uso, enquanto forma de expressão da oração individual, a camadas da população que antes se viam privadas dessa familiaridade com os textos.

É neste contexto, parece-nos, que o Livro dos Salmos adquire um relevo particular. Pelo facto de se considerar então - na linha de Santo Atanásio -, que continha, de modo alegórico, condensado e acessível, todas as verdades da *Bíblia*, o saltério pareceu aos autores das Luzes um veículo privilegiado para a difusão das verdades do Catolicismo. Por se tratar de um dos livros poéticos da *Bíblia*, serviu de fonte de inspiração a numerosos autores, que procuraram transpor a variedade dos seus temas e a sua complexidade estrutural e estilística para as formas estróficas então em voga. Nas literaturas em línguas românicas, essas adaptações resultaram do cruzamento de dois pontos de vista fundamentais: a noção de que os salmos, enquanto expressão da mensagem divina, deveriam ser trabalhados nos géneros líricos próprios à expressão do sublime, e o pressuposto de que, pelo facto de se destinarem originalmente ao canto, deveriam aproximar-se das formas características da poesia *cantabile*.

Adaptar poeticamente os Salmos

Ao longo da segunda metade do século muitos foram os compositores e os poetas que deitaram mãos à obra, contribuindo para a difusão do saltério fora do âmbito estritamente litúrgico, apesar de serem muito raros aqueles que chegaram a traduzi-lo ou a parafraseá-lo em verso na totalidade. Neste panorama, merecem especial atenção as obras de alguns autores franceses (entre os quais se destacam Racan (1589-1670) e

²⁵ Como recorda G. L. Santos Ferreira, *Op. cit.*, pp. 68 e ss. A tradução de Pereira de Figueiredo chegou a ser publicada em Londres e distribuída pela «Sociedade Britânica Propagadora da Fé Cristã». A fortuna editorial posterior da tradução de Pereira Figueiredo atesta a sua boa aceitação, pois tem sido reimpressa sucessivamente até aos nossos dias.

Louis Racine (1692-1763)) que se haviam já inspirado nos salmos para os seus poemas, antes da promulgação do decreto papal de 1757. As suas obras tiveram ampla difusão, dentro e fora de França, graças a duas antologias que apresentavam, pela ordem sequencial da *Vulgata*, textos de salmos versificados em vulgar por diferentes poetas. Referimo-nos a *Les Psaumes et les principaux cantiques mis en vers par nos meilleurs poètes* publicada em Paris por Monchablon em 1762, e as *Odes sacrées ou les psaumes de David en vers françois* dada à estampa por Garcin em Amsterdão, em 1764. Neste último caso, tratou-se de um antologizador que, no intuito de conseguir perfazer as 150 adaptações dos textos do saltério sem recorrer ao que chama composições de «autores menores», completara as faltas através de poemas da sua própria lavra. A leitura dos textos prefaciais destas recolhas permite concluir que foram encaradas, por aqueles que as prepararam, simultaneamente como um divertimento piedoso e como meio de edificação²⁶. Estas colectâneas, tal como os tratados de Rollin e de Batteux referidos acima, contribuíram também, pelo modo elogioso como se lhe referem, para a canonização de Jean-Baptiste Rousseau (1699-1741), um autor cujas obras constituirão um dos modelos formais mais imitados pelos autores franceses e portugueses da segunda metade do século XVIII, o qual havia incluído entre as suas *Odes sacrées*, a paráfrase de um hino bíblico (*Chant d'Ezechias*) e 13 textos inspirados em salmos, consagrando o uso das formas da Ode e da Cantata como expressões do sublime²⁷.

²⁶ Garcin diz, por exemplo, no «Discours préliminaire» das *Odes sacrées ou les Psaumes de David en vers françois. Traduction nouvelle par divers auteurs*, Amsterdam, Chez E. van Harrevelt, 1764, p. VI-VII: «Comme de toutes les relations de l'homme, la plus noble, la plus grande & la plus belle, est celle qui l'attache à la Divinité, le Poete qui s'appliquera à saisir cette relation, à la développer, à en faire sentir les effets, doit être necessairement celui qui ouvrira la plus belle carrière à son talent; celui qui excitera dans l'ame de ceux qui le liront, le plus de ces sentiments agréables, & de cet enthousiasme flatteur, qui font la prix & le charme de la Poesie.» para concluir na p. IX: «Mais si la Poesie sacrée l'emporte sur les autres genres en grandeur, en force, en intérêt; de tous les monumens que nous en avons, le premier sans contredit par la dignité de son Auteur, & les richesses qu'il renferme, c'est le Livre des Psaumes. »

²⁷ Eis as suas palavras, que citamos a partir da edição *Oeuvres de Jean-Baptiste Rousseau*, Paris, 1753, p. XXII: «Et d'ailleurs, si on a de l'Ode l'idée qu'on doit en avoir, & si on la considère, non pas comme un assemblage de jolies pensées rédigées par chapitres, mais comme le véritable champ du Sublime et du Pathétique, qui sont les deux grands ressorts de la Poesie, il faut convenir que nul Ouvrage ne mérite si bien le nom d'Odes que les Psaumes de David; car ou peut-on trouver ailleurs rien de plus divin, ni où

O exemplo de Rousseau ofereceu, durante décadas, uma solução para o problema de conseguir transmitir através da poesia vernácula uma imagem da diversidade e da complexidade formal dos textos primitivos dos salmos, duas características repetidamente mencionadas pelos exegetas do Velho Testamento, que insistiam no facto de as versões dos LXX e da *Vulgata* não conseguirem fornecer uma imagem fidedigna da poética hebraica original. É nesta ordem de ideias que devemos situar os esforços de revisitação do texto hebraico levados a cabo pelos tradutores setecentistas da Bíblia, entre os quais destacamos, quer por tê-lo feito em verso, quer pelo acolhimento que parece ter tido entre os autores portugueses, Saverio Mattei (1742-1795). Professor de línguas orientais, músico e poeta, Mattei alcançou um prestígio considerável junto do rei de Nápoles e da Corte de Viena de Áustria, foi amigo e correspondente de Pietro Metastasio (1698-1782) e não só traduziu todo o livro dos Salmos a partir do texto hebraico, vertendo-o nas formas métricas mais populares então, como os musicou ao gosto da época (a obra completa, em 13 volumes, foi publicada entre 1779-1788)²⁸.

Parafrasear os Salmos em português

No caso português, o levantamento exaustivo das paráfrases poéticas dos salmos em vulgar realizadas neste período está ainda por fazer²⁹. No entanto parece-nos digna

l'inspiration se fasse mieux sentir, rien, dis-je, de plus propre à élever l'esprit & en meme temps à remuer le coeur? Quelle abondance d'images! Quelle variété de figures! Quelle hauteur d'expression! Quelle foule de grandes choses, dites, s'il se peut, d'une manière encore plus grande!»

²⁸ Saverio Mattei, *I Libri Poetici della Biblia, tradotti dall'ebraico originale ed adattati al gusto della Poesia Italiana*, 7 vols., Napoli, Presso Giuseppe Maria Porcelli, 1779-1780; temos notícia da edição da obra completa em 13 vols intitulada *Opere. Edizione terza napolitana dall'Autore migliorata, e notabilmente accresciuta*. 13 v., Napoli, presso Giuseppe Maria Porcelli negoziante di libri, 1779-1788. Alcipe poderia ter conhecido ainda uma edição mais moderna de *I libri poetici della Biblia*, Firenze, Per Vincenzo Batelli, 1823.

²⁹ O interesse pela paráfrase dos Salmos continuará em Portugal até bem entrado o século XIX. A título de exemplo recordemos que Manuel Borges Carneiro publicará em 1827 a obra *Resumo de alguns livros Santos*, (Lisboa, Na Impressão Régia, 1827), que inclui a paráfrase em prosa de alguns salmos e que Francisco Joaquim Bingre (1763-1856), para além de uma paráfrase em verso dos dos sete salmos penitenciais que deixou inédita, faz publicar em vida na colectânea *O Moribundo Cysne do Vouga*.

de nota a obra dada à estampa em 1806 por Domingos Maximiano Torres (o árcade *Alfeno Cynthio*), intitulada *Ensayos métricos sobre a Paráfrase dos Salmos*³⁰. É possível que a sua iniciativa tenha sido inspirada pela memória sobre as traduções portuguesas do texto bíblico apresentada à Academia das Ciências por Ribeiro dos Santos, publicada nesse ano³¹. Dada a relação de proximidade que tanto Torres como Ribeiro dos Santos parecem ter mantido com D. Leonor de Almeida Portugal e com o seu círculo de relações³², parece-nos plausível que a autora tenha conhecido ambos os trabalhos, mesmo tendo em conta que, em 1806, nem se encontrava em Portugal, nem se ocupava primordialmente de poesia. Uma breve apreciação da obra de Torres permitir-nos-á avaliar melhor eventuais pontos de contacto com o trabalho posteriormente levado a cabo pela Condessa de Oeynhausen.

Os *Ensayos métricos* de Maximiano Torres são um opúsculo de 42 páginas, que inclui a paráfrase de quatro salmos (LXIV, L, XVII e CIII). No curto prefácio que inclui, Alfeno Cynthio apresenta o seu trabalho como uma obra inspirada pelo «amor da Pátria»³³, uma observação tanto mais significativa quanto sabemos que durante esse ano

Collecção d'algumas Peças mais Importantes Extrahida das Obras Poéticas do Sr. Francisco Joaquim Bingre, nos últimos momentos de sua vida. Porto, Typographia Commercial, 1850 uma paráfrase, também em verso, dos sete salmos penitenciais, Cfr. Vanda Anastácio, *Obras de Francisco Joaquim Bingre*, vol. V, 2003, pp. 192-211.

³⁰ *Ensayos Metricos sobre a Parafrase dos Psalmos* pelo Bacharel Domingos Maximiano Torres, Correspondente da Academia Real das Sciencias, Lisboa, Na Impressão Régia, 1806.

³¹ António Ribeiro dos Santos, *Memorias de Litteratura Portugueza da Academia Real das Sciencias*, t. VII, 1806, pp.

³² Em abono do que acabamos de afirmar, recordemos as numerosas poesias endereçadas a D. Leonor, a sua irmã D. Maria, a D. Teresa de Mello Breyner, a Filinto Elísio e a outros elementos do círculo de relações da futura Marquesa, antes e depois da sua permanência em Chelas, na obra *Versos do Bacharel Domingos Maximiano Torres, denominado Alfeno Cynthio*, Lisboa, Typ. Nunesiana, 1791. O convívio com Ribeiro dos Santos, que era amigo de Frei Alexandre da Sagrada Família e de Almeno, ambos frequentadores do convento de Chelas, ter-se-á iniciado ainda no tempo da clausura nesse convento, como se depreende de informações documentadas por Ávila e Bolama, *A Marquiza d'Alorna. Algumas noticias authenticas para a história da muito illustre e eminente escriptora*, Lisboa, Imprensa Manuel Lucas Torres, 1916.

³³ Domingos Maximiano Torres «Prefação» *Op. cit.*, n. pp. 3-4: «Porém não foi o amor proprio immoderado, mas o da Pátria quem me impellio a commetter tão ardua empresa: porque vendo eu, que tantos, e tão assinalados engenhos, de que abunda o nosso Portugal, empregão os talentos poeticos, de que Deos os dotara, só em adulações, e em pintar affectos lubricos, e outras profanidades; esta consideração que às vezes me penalizava, deo origem á presente tentativa, a fim de excitar nos vates Lusitanos a nobre emulação de se abalançarem á Parafrase dos Livros Poéticos da Biblia, gratificando deste modo ao seu

se viveu em Portugal um clima de grande tensão, devido às exigências de Napoleão Bonaparte e aos receios de invasão do país pelas forças francesas. Neste mesmo texto, o autor inclui uma relação das dificuldades que enfrentou para conseguir levar a cabo a sua tarefa que constitui, de facto, uma verdadeira exposição de metodologia:

Por certo que não foram pequenas as dificuldades, com que luctei nestas Paraphrases; taes são: primeiro, decifrar o sentido de cada Psalmo: segundo, ligar os seus versículos; porque sobrem ás vezes transições tão inesperadas, que parecem cortar a sentença, e desviar-se do argumento delle: terceiro, fazellas em verso; e esse, quarto, rymado: e ultimamente, quinto, em metro cantavel, e muito proprio para se pôr em Musica, não somente pela sua accentuação, e finaes das estrofes, e arias; mas tambem porque procurei com todo o disvello servir á eufonia, evitando o concurso de vozes asperas, e ingratas ao ouvido, de si, ou pella sua collisão, excepto no caso de harmonia imitativa, ou onomatopéa.

Como se observa, uma das intenções de Torres é a de que o texto resultante da paráfrase seja «próprio para pôr em música» pelo que não é de estranhar que - à imagem do que vinha sendo a prática dos que se dedicavam à versificação do saltério em vernáculo desde Rousseau -, tenha escolhido a forma da cantata para parafrasear 2 dos 4 textos que compõe, de que resultam dois longos poemas divididos em duas partes e destinados à execução respectivamente a quatro vozes (paráfrase do salmo XVII) e a três vozes (paráfrase do salmo CIII). A preocupação com a diversidade formal, com o ritmo *cantabile* e com a manutenção do estilo sublime fica ainda patente pelo recurso à ode pindárica (no salmo LXIV) e às 14 oitavas octossilábicas de rima abacdeec com que adapta o salmo L. Para além do cuidado com a forma e com o estilo, Maximiano Torres faz anteceder cada um dos seus poemas de um argumento que constitui, afinal, um desenvolvimento e uma ampliação dos títulos da versão hebraica. É possível que o ponto de partida para este último trabalho tenha sido a tradução de Saverio Mattei, a

Divino bem-feitor; e com glória da Nação, e lustre de seus nomes, revocando a Poesia ao seu primitivo esplendor, e magestade.»

quem Alfeno Cíntio chega a citar explicitamente³⁴, mas as observações do árcade não parecem destinadas a aprofundar os conteúdos doutrinários ou litúrgicos dos textos que trabalha: a leitura atenta das observações que inclui nos argumentos dos salmos parafraseados, permite verificar que este poeta os considera, acima de tudo, como poesia, de assunto sublime, é certo, mas equiparável à dos bons autores profanos, antigos e modernos. Diz, por exemplo, acerca do salmo CIII, p. 32:

A Grandeza, e a magnificência de Deos na Creação do Universo: a Sua Providencia na conservação das cousas creadas: o excitamento a todas as creaturas de louvar continuamente o Seu Creador, de amallo, e venerallo humildemente, e com alegria do coração: eis aqui o assumpto deste inimitavel Psalmo, em que se encontrao unidos com admiravel tempera os voos de Pindaro, a exactidão das expressões de Horacio, e de Garção, a amenidade de Quita; e a magestade de Virgilio, e de Camões.

Existirá alguma relação entre os *Ensayos métricos* de Alfeno Cynthio e o trabalho de Alcipe? Parece-nos que ainda que não seja possível estabelecer uma aproximação directa entre ambos, há dois aspectos que devem ser tidos em conta: por um lado, a realização de Torres assinala a paráfrase dos salmos como uma tarefa *patriótica* a realizar em língua portuguesa e, por outro, documenta a circulação, por volta de 1806, entre os literatos portugueses, da obra de Saverio Mattei, autor que também virá a ser mencionado, mais tarde, por D. Leonor. Note-se no entanto, quanto a este último pormenor, que a Marquesa de Alorna também poderá ter contactado com a obra deste amigo e correspondente de Pietro Metastasio antes de Maximiano Torres, quando, na década de 1780, na corte de Viena de Áustria, conheceu, conviveu e trocou poemas com o próprio Metastasio, que era, então, um venerável ancião na casa dos oitenta anos. O facto é que, entre 1817 e 1844 serão dadas ao prelo três edições de paráfrases de textos do saltério realizadas por esta autora, as quais apresentam variantes de tipo paratextual e textual que nos parecem significativas.

³⁴ Torres diz, com efeito, no argumento do salmo L, *op. cit.*, p. 15: «Leião-se com tudo as mais que muito judiciosas reflexões, que faz a respeito desta opinião o eruditissimo Xavier Matthei no argumento delle, e ficará o Leitor inteiramente convencido da veracidade deste meu asserto.»

Alcipe e o Rei

A primeira publicação de poemas de Alcipe inspirados no saltério intitula-se *Parafrase a vários psalms*³⁵ e verá a luz em 1817, na mesma casa editora (a Impressão Régia) e no mesmo formato que o livrinho de Maximiano Torres (dimensões 102 mm x 154 mm). Significativo é o facto de a autoria da obra ser apenas revelada na dedicatória inicial intitulada «Aos Leitores», assinada com as iniciais «F. M. da T.» (que não conseguimos atribuir). É um texto destinado a revelar a identidade da autora, cujo nome não figura nem no rosto, nem em qualquer outro lugar do livro. Ao fazê-lo, o prefaciador sublinha a celebridade de D. Leonor como mulher de letras, nos termos seguintes:

Costumão os Editores recommendar as obras, que fazem imprimir, com estudadas expressões, e maçados prologos: a mim basta-me para chamar a attenção publica á presente Parafrase anunciar o nome da sua Auctora = a Illustrissima e Excellentissima Senhora Condeça de Oyenhausen. = O reconhecido merecimento desta insigne Cantora Portugueza he superior a elogios, a pezar dos louvores, que lhe tem consagrado os maiores genios do nosso seculo: hum delles [*refere-se a Filinto Elísio*] se exprime com esta vehemencia, e belleza. [*E prossegue com um excerto de um poema de Filinto em louvor de Alcipe*]

Ora, em 1817, a Condessa de Oeynhausen vivia em Portugal há apenas três anos. Depois de ter enviuvado em 1793 e de ter sido expulsa do país por Pina Manique em 1802, D. Leonor tinha-se envolvido na oposição contra Napoleão e acabara por fixar residência em Londres, entre 1805 e 1814, data em que volta para o seu país. Os primeiros anos do seu regresso parecem ter sido particularmente difíceis, marcados por preocupações financeiras, pela frieza demonstrada por D. João VI relativamente aos seus desejos de integração na Corte do Rio de Janeiro, e pelos esforços de reabilitação da memória do irmão, acusado de traição pelo facto de ter integrado a Legião

³⁵ [Condessa de Oeynhausen], *Parafrase a vários psalms*, Lisboa, Impressão Régia, 1817

Portuguesa³⁶. O ano de 1817, em particular, foi marcado por duas grandes provações: a morte de uma das filhas, Luísa, ocorrida em circunstâncias mal esclarecidas, e a prisão e execução de Gomes Freire, que servira nas guerras napoleónicas sob comando de D. Pedro de Almeida Portugal, era amigo da família, interlocutor poético e, possivelmente, correligionário.

Explicarão estas circunstâncias a decisão de publicar este opúsculo? Ao contrário de Maximiano Torres, Alcipe não incluiu, no volumezinho de 1817, nem os títulos dos salmos, nem quaisquer «argumentos»: os textos apresentam apenas a indicação «PSALMO» seguida da numeração da Vulgata, sob a qual se transcreve, em itálico, o primeiro verso do texto em latim. Imediatamente depois deste *incipit* encontra-se a paráfrase poética. Por outro lado, a obra inclui apenas 11 textos: os sete salmos ditos penitenciais (VI, XXXI, XXXVII, L, CI, CXXIX e CXLII), os salmos CXXX, LXXI e XLIV e o «Cântico de Moisés» (*Cantemus Domino, gloriosè enim magnificatus est.*) considerado pelos preceptistas, como vimos, como um exemplo sublime.

O exame das formas estróficas usadas por Alcipe nesta obra (para cuja listagem em quadro anexo remetemos) mostra que a paráfrase do saltério lhe proporcionou uma ocasião para exercitar o seu virtuosismo no trabalho das formas, dando provas de um conhecimento profundo das estruturas rítmicas mais usadas ao tempo. Entre esses 11 textos encontramos 7 esquemas formais diferentes, que incluem quadras de redondilha (um metro correspondente ao octossílabo na contagem italiana e francesa e considerado *cantabile*), tercetos decassílabos de rima aba, odes de tipo horaciano em estrofes não isométricas, uma cantata e um epitalâmio. A comparação com os *Ensayos métricos* de Alfeno permite observar que se trata de duas abordagens independentes da mesma fonte

³⁶ O irmão de Alcipe era D. Pedro José de Almeida Portugal, 3º Marquês de Alorna, falecido em Königsberg a 2 Janeiro de 1813. Entre 1814 e até 1824, D. Leonor consumirá energia, tempo e dinheiro na reabilitação da sua memória conseguindo recuperar a sua reputação e os seus títulos, apesar de nunca ter chegado a reaver a maior parte dos seus bens.

bíblica. Só um dos salmos é comum a ambas as colecções (salmos L), e mesmo este é trabalhado de modo diferente por cada um dos poetas. A nível formal as divergências são especialmente notórias, pois Alcipe recorre a 15 estrofes não isométricas de rima ABCdD e Alfeno a 14 oitavas de 7 sílabas métricas e rima abacdeec.

Não sabemos o valor simbólico atribuído por D. Leonor a estes textos, mas parece-nos que o critério de selecção dos salmos pode corresponder a uma motivação subjectiva. De facto, se, por um lado, Alcipe parece ter querido apagar-se por detrás dos seus poemas, fazendo eliminar do rosto do livrinho as indicações de autoria e confiando a um terceiro a tarefa de a apresentar a si e à sua obra, por outro, esse distanciamento aparente é quebrado pela inclusão, junto de uma das paráfrases, de uma nota destinada a estabelecer o paralelo entre a situação descrita pelo salmista e as circunstâncias da vida real. Trata-se do texto correspondente ao Salmo LXXI *Deus judicium tuum Regi du, etc.* (que constitui, originalmente, como se sabe, uma súplica a Deus para que conceda ao rei o dom da justiça e o inspire no bom governo), que surge assinalado com a indicação seguinte: «Paráfrase feita em 6 de Abril 1817, da faustíssima Acclamação de ElRei Nosso Senhor.» À luz desta inscrição, tanto o acto de publicação da obra, como a escolha dos salmos a trabalhar, como, até, a sua ordenação no volume, parecem ganhar uma nova luz. Ao assinalar o ano de 1817 como a data da aclamação do monarca³⁷, D. Leonor de Almeida dedica-lhe explicitamente esse texto. Mas o poema é precedido na publicação pelas sete composições correspondentes aos salmos penitenciais - nas quais o sujeito poético manifesta o seu arrependimento, pede perdão e se coloca nas mãos de Deus -, e pela paráfrase do salmo CXXX, que constitui um pedido de apoio contra a perseguição dos inimigos. Significativamente, a esse mesmo canto de entronização do

³⁷ Quando aqui se fala de «aclamação» trata-se da data da transmissão formal de poderes, pois, como se sabe, D. João VI assumira a regência já em 1792, D. Maria I faleceu em 1816 e as festividades de aclamação deste monarca tiveram apenas lugar em 1818, tal como o casamento do príncipe D. Pedro com D. Leopoldina de Habsburgo.

rei (LXXI), segue-se a paráfrase ao Salmo XLIV, um canto nupcial adaptado por Alcipe à forma do Epitalâmio, possivelmente alusivo às projectadas núpcias do príncipe herdeiro D. Pedro com D. Leopoldina de Habsburgo, e a série finaliza com os louvores e votos de confiança na protecção divina expressos pela paráfrase ao mesmo Canto de Moisés que vimos elogiado pelos tratadistas.

Tanto a escolha dos salmos a parafrasear, como a sua ordenação no volume podem ser lidos como uma homenagem (e uma mensagem implícita) dirigida ao monarca, encenada, digamos assim, em três momentos: arrependimento do vassalo; regozijo deste com a entronização do seu rei e com as perspectivas de continuidade do reino; profissão de fé num Deus justo e todo poderoso capaz de proteger os que lhe são fiéis. Esta leitura torna-se mais plausível se nos detivermos em alguns pormenores das paráfrases dos salmos da penitência, nomeadamente na utilização das formas de tratamento empregues pelo sujeito poético para se referir ao dedicatário dos textos. Com efeito, enquanto modos de endereçamento, «Senhor» e «meu Senhor» poderiam destinar-se ao rei, e o seu uso na adaptação dos versículos do original relativos à confissão das culpas, manifestações de arrependimento ou promessas de vassalagem, parecem acentuar essa possibilidade. A alternância com a forma «meu Deus» - preferida, nestas composições, para exprimir a relação do sujeito com o sobrenatural -, permite um jogo de ambiguidades quanto ao verdadeiro dedicatário dos textos, que não parece ser um efeito completamente accidental. A título de ilustração do que acabamos de afirmar, lembremos os primeiros versos da primeira paráfrase do volume, que tanto podem descrever a relação do crente com o divino, como também parecem passíveis de aplicação ao relacionamento entre a Marquesa de Alorna e D. João VI em 1817:

No teu furor não me arguas:
Não me castigues, Senhor,
Quando accendo a tua colera,
E provoco o teu rigor.

Sou enfermo, dá remedio
A tão dura enfermidade:
Meus ossos tremem... vacillo...
Meu Deos! Tem de mim piedade!

A tristeza mais profunda
Involve minha alma aflicta;
Pouco a pouco dôr, angustia
Minha força debilita.

Meu animo atribulado
Me diz no peito que morro:
Mas tu, Senhor, até quando
Me hás-de negar teu socorro!³⁸
[...]

Sousa Caldas, Garção Stockler e Borges Carneiro

Entre esta primeira abordagem do saltério feita pela Marquesa de Alorna e a *Paraphrase dos Salmos* que a mesma publicará em 1833, decorre um amplo lapso de tempo durante o qual se verificaram profundas mudanças na organização política e na mentalidade dominante na sociedade portuguesa. A religião constituirá, durante as décadas de 20 e de 30 um grande tema de discussão, que envolverá todas as forças políticas e se reflectirá, necessariamente, num renovado interesse pela divulgação do texto bíblico. Assim, em 1820 é dada à estampa uma nova adaptação versificada do Saltério. Trata-se de uma obra póstuma do Pe Antonio Pereira de Souza Caldas (falecido 3 anos antes) organizada por Francisco de Borja Garção Stockler (neto do árcade Pedro António Correia Garção) e intitulada *Psalms de David vertidos em rhythmo portuguez*³⁹. Para além de colaborar no volume - completando com 12 paráfrases da sua lavra parte das lacunas que encontrara nos textos do autor -, Stockler prefacia o volume com o texto intitulado «Discurso sobre a língua e a Poesia hebraica» no qual retoma a caracterização dos livros poéticos da *Bíblia* como documentos da

³⁸ *Paraphrase a varios Psalmos*, Lisboa, Impressão Régia, 1817, p. 5

³⁹ Antonio Pereira de Souza Caldas, *Psalms de David vertidos em rhythmo portuguez*, Paris, Off. de P. N. Rougeron, 1820.

poesia primitiva e descreve o cântico de Moisés como o seu ponto mais alto⁴⁰, aspectos que constituem um retomar de algumas das ideias-chave expostas pelos autores citados por D. João de Almeida Portugal em finais dos anos 1760. Stockler faz, contudo, destes pontos de vista, uma leitura pessoal, que lhe permite legitimar a publicação das paráfrases que dá à luz. Identificando «poesia e língua primitivas» e «poesia e língua pobres» chega a interpretações como esta:

Não ha pensamento explicavel, nem sentimento exprimivel em uma lingua pobre, que se não possa explicar tambem, ou melhor ainda em uma lingua rica. D'aqui vem que as composições mais admiraveis dos Hebreos não podem perder em ser traduzidas; podendo aliás ganhar tanto mais, quanto a lingua para a qual a traducção se fizer, for mais perfeita do que a hebraica. Foi esta reflexão (junta ao desejo de fazer publica a traducção da primeira metade do psalterio, executada per um homem de não vulgar engenho, meo particular amigo que a morte me roubou ha pouco mais de tres annos) que me determinou a traduzir os psalmos que faltavam [...]

Tanto Sousa Caldas como Garção Stockler seguem as opções formais já consagradas, ou seja, preferem as formas da Ode horaciana, da Ode pindárica e da Cantata, mas empregam também com frequência os metros e os esquemas usados na poesia destinada ao canto (veja-se quadro anexo). Como o próprio editor explica: «sendo os psalmos verdadeiros canticos, seos proprios autores os teriam sem duvida composto tambem em verso, se fossem portuguezes, ou se os escrevessem no dia de hoje em um idioma melodioso, e capaz de metrificação.»⁴¹ Apesar do esforço feito pelo editor para completar o número de paráfrases realizadas por Caldas, o volume não adapta todo o Livro dos Salmos incluindo apenas as traduções versificadas dos primeiros setenta e cinco salmos, às quais se seguem no volume outras seis (dos salmos XC, XCIII, XCVI, CIV, CXVI e CXXXVI). De um modo geral, pode dizer-se que ambos os parafraseadores procuram seguir de perto o texto bíblico a nível das ideias e

⁴⁰ Diz, por exemplo, Garção Stockler «Discurso sobre a Língua e a Poesia Hebraica» *Op. cit.*, p. Xliij: «Entretanto não pode negar-se que, nos canticos de Moises resplandecem rasgos da mais sublime eloquencia de pensamentos.»

⁴¹ Garção Stockler «Discurso sobre a Língua e a Poesia Hebraica» *Op. cit.*, p. v.

do vocabulário, concentrando grande parte da sua atenção a nível das formas⁴². O seu trabalho parece dever ser encarado, sobretudo, como um esforço renovado de divulgação do texto bíblico em língua portuguesa.

A mesma preocupação parece estar na origem do trabalho empreendido por Manuel Borges Carneiro em 1827, com a publicação do livro *Resumo de alguns dos Livros Santos*⁴³, no qual se incluem as paráfrases em prosa de oitenta e cinco salmos. O modo como este último autor, responsável por decisões de alcance decisivo numa época de grande agitação política, define a importância da difusão das Escrituras, sintetiza de modo claro alguns dos pontos de vista dominantes entre as elites católicas do tempo, a saber, que os livros sagrados são um repositório de princípios morais válidos para todos os povos e para todos os tempos, e que a sua observância tem sobre os seres humanos um efeito civilizador:

Os Livros Santos foram escritos em diversos tempos, por homens que tinham o espirito de Deos. Elles fallam admiravelmente ao coração do homem nas mui varias posições e vicissitudes da sua vida. Sem a consideração de uma Divindade, a quem seja presente o mundo e o que nelle se passa, sente-se um vazio espantoso em toda a natureza, e destroe-se o grande principio que fortifica o homem na adversidade, e o modera na prosperidade: acaba a esperança, nasce a soberba e a crueldade. Uma ideia tão antiga e tão geral como o mundo, o consenso unanime de todas as Nações e de todos os tempos, o intimo sentimento e experiencia de cada um, attestam superabundantemente que o mundo e o homem estão sempre debaixo da poderosa mão de Deos. Os povos que abandonaram esta ideia e o culto daquella Divindade, se precipitaram sempre na miseria e anarchia⁴⁴.

É partindo destes princípios que Borges Carneiro se referirá à sua colectânea como uma tentativa de colocar os «livros santos» ao alcance de todos⁴⁵, associando esse esforço às mudanças de carácter político que procurava implementar:

⁴² Este aspecto é especialmente posto em evidência pelo facto de Sousa Caldas parafrasear alguns salmos em mais de uma forma (nos salmos IV, IX, XIII, XVIII, XXI, XXVIII, XXX e L).

⁴³ Lisboa, Impressão Régia, 1827.

⁴⁴ Manuel Borges Carneiro, «Prefação» *Op. cit.*, pp. III-IV.

⁴⁵ Borges Carneiro retomará, na apresentação que faz do *Livro dos Salmos* a ideia de que estes fornecem formas de expressão adequadas a todas as circunstâncias da vida humana popularizada por Santo

Julguei ser agora oportuna a publicação do presente opusculo; pois conservando os Portuguezes a piedade (pura, e limpa de superstições) e a moral, viremos sem duvida a gozar dos grandes bens que o Ceo nos preparou por meio do *Governo Representativo* e da felicissima Carta Constitucional, dada generosamente por um Rei Magnanimo⁴⁶.

Alcipe e os Salmos

Em 1833, ano da vitória das forças liberais, foi dada à estampa a *Paraphrase dos psalmos em vulgar por Alcippe ou L. C. d'O. hoje M. d'A.*⁴⁷ Trata-se de uma obra em dois volumes que inclui as paráfrases em verso dos cento e cinquenta textos que compõem o *Livro dos Salmos*, acrescentadas do Cântico de Moisés (já trabalhado pela autora em 1817), do cântico *Sicut lux aurorae*, do cântico de Zacarias *Benedictus Dominus Deus Israel* e ainda dos hinos *Jam lucis orto sidere*, *Veni, Sancte Spiritus* e *Te Deum Laudamus*. D. Leonor de Almeida cumpria então 83 anos, um pormenor importante a ter em conta no momento em que nos estudamos esta publicação. No rosto dos volumes figura, em epígrafe, o versículo 18 do Salmo LXX *In te Domine speravi*, que parece ter sido escolhido pela sua adequação em estabelecer um paralelo entre o texto bíblico e a situação da anciã Leonor que, no final da vida, se debruça poética e espiritualmente sobre os textos que a acompanharam desde a sua juventude, para cantar Deus e as suas maravilhas: «*Deus docuisti me a juventute mea, & usque / nunc pronunciabo mirabilia tua.*» ou seja, na tradução do Pe Pereira de Figueiredo:

Desde a minha juventude, Vós me instruístes, Senhor,
Até ao presente anuncio as Vossas maravilhas

Atanásio quando diz, *Op. cit.*, p. 125: «Elles [os salmos] são pela maior parte relativos a circunstâncias particulares em que se achavam os seus Autores, ou o povo Hebraico; porem tem facil applicação ao Christianismo, ou a cada um dos Fieis nas varias posições da sua vida.»

⁴⁶ *Idem, ibidem*, p. VI.

⁴⁷ *Paraphrase dos psalmos em vulgar por Alcippe ou L. C. d'O. Hoje M. d'A.*, 2 vols., Lisboa, 1833.

O paralelo de que falamos é mais evidente ainda se referirmos o versículo seguinte, que a autora não achou necessário incluir: «*Et usque in senectam, et senium, Deus, ne derelinquas me*» ou seja, na mesma versão:

Agora, na velhice e na decrepitude, não me abandones, ó Deus;
Para que narre às gerações a força do Vosso braço,
O Vosso poder a todos os que hão-de vir.⁴⁸

Recorde-se que apesar da sua avançada idade, a Marquesa de Alorna não se encontrava ainda, na época, completamente retirada da vida social. Sabemos por testemunhos contemporâneos⁴⁹ que Alcipe frequentou e organizou em sua casa (e em casa do Marquês da Fronteira D. José Trazimundo de Mascarenhas, seu neto) reuniões de poetas e de intelectuais pelo menos até 1836. Sabemos, assim, que na década de 30 a Marquesa era uma figura central da sociedade lisboeta, reconhecida por várias gerações de homens e mulheres de letras de diferentes percursos ideológicos, que viam a frequência do seu círculo de relações como um sinal de prestígio e de legitimação do talento. É, pois, numa época em que goza de renome e de aceitação nos meios intelectuais, e numa situação muito diferente daquela em que dera a estampa a sua primeira abordagem poética dos salmos que D. Leonor publica a paráfrase completa do Saltério.

Neste novo contexto, a conotação patriótica da empresa, já a florada na nota alusiva à aclamação de D. João VI na edição de 1817, ganha um novo significado: como

⁴⁸ Na paráfrase de Alcipe os mesmos versículos apresentam a seguinte forma *Op. cit.*, 1844, p. 233-234:

Digo o que me inspiraste desde a aurora
De meus dias, meu Deos: d'alma traslado
O cantico entoado
Que me nasce do bem de conhecer-te;
E jamais cessarei de engrandecer-te.

Hei-de cantar-te até que a voz me falte;
Té que a chamma do estro que m'impelle
Se esfrie, se enregele:
Alimenta, Senhor, os meus accentos
Não deixes apagar meus pensamentos.

⁴⁹ Cfr.: Alexandre Herculano, «A Marquesa de Alorna» «D. Leonor d'Almeida, Marqueza d'Alorna» *Panorama*, 1844, p. 405-407, José Ribeiro de Guimarães, «Recordações da Marquesa de Alorna», *Summario de Vária História*, Lisboa, 1874, pp. 213-216, Júlio de Castilho, *Memórias de Castilho*, 2 vols., Lisboa, Academia Real das Ciências, 1881, Marquês de Ávila e Bolama, *op. cit.*

fica explícito no ante-texto do volume - mais uma vez da responsabilidade de terceiros, neste caso das «Filhas d'Alcippe» -, trata-se de «enriquecer a Literatura Portuguesa» dotando-a do «Thesouro» sublime que constitui uma obra inspirada nos textos sagrados:

DEDICATORIA À PATRIA.

Longos annos ha, que os Sabios, tanto Nacionaes como Estrangeiros, anciosamente pedião a publicação das Obras d'ALCIPPE; sem que até agora podessem alcançar da sua modestia Poeticos ensejos inspirados só para mitigar as magoas, e trabalhos da sua vida. Finalmente as instancias e rogos das suas Filhas, conseguirão tão precioso Thesouro, com o qual se propõe enriquecer a Literatura Portuguesa. Talvez os pouco entendidos as accussem de cegueira e parcialidade; porém a opinião bem conhecida de Filinto Elysio, de Bocage, e mil outros Literatos, assim como a do insigne Prégador Regio Frei José Leonardo da Silva, da Ordem dos Prégadores, que lendo, e relendo com satisfação a bella Paraphrase dos Psalmos, que hoje se publica, exclamou

Quae David Hebreo, Luso tu carmine cantas:
Coelum Musa David, Alcippe ipse David!

Arrojão longe de nós toda a suspeita de uma tal accusação.

Acceitai pois benigna, ó Pátria, o dom que o filial amor vos consagra! Haver-vos servido, como nos competia, seja o nosso prémio; assim como será sempre a nossa gloria o termos nascido Portuguezas, e

Filhas d'Alcippe.

Repare-se, no entanto, que este texto sublinha um aspecto fundamental, que era parte integrante daquilo que deveria ser, na época, a imagem pública de uma mulher: a modéstia. O que se diz é que Alcipe não escreve senão para «*para mitigar as magoas, e trabalhos da sua vida*», (afirmação que coincide, aliás, com outras de teor semelhante que ocorrem na sua correspondência⁵⁰), que foge da ostentação e da publicidade, e que só depois de muito rogada por suas filhas acedeu em dar à estampa obras que «*Longos annos ha, que os Sabios, tanto Nacionaes como Estrangeiros, anciosamente pedião a*

⁵⁰ Veja-se, por exemplo, o que escreve em carta enviada a sua sobrinha D. Leonor da Câmara datada de Londres a 2 de Maio de 1806: «Juliana também escreve duas regras para me pedir licença para imprimir as minhas obras!!! Como se isto me bastasse e que essa especie de vaidade coubesse ainda no meu coração. Nunca escrevi com intenção d'imprimir quando minha mãe estava doente e aflicta meu Pai preso escrevia para deverti-los e um impulso natural m'obrigava a contar até as penas. O que escrevi depois foi para adoçar as penas próprias, para ocupar-me de um modo suave.» Partes desta carta foram publicados pelo Marquês d'Ávila e Bolama, *Op. cit.*. O original encontra-se no ANTT Espólio das Casas de Fronteira e Alorna, n° 177.

publicação». As «Filhas» afirmam ter tomado essa iniciativa movidas pela opinião de autores reconhecidos («*Filinto Elysio, de Bocage, e mil outros Literatos*») e, sobretudo, da do «*insigne Prégador Regio Frei José Leonardo da Silva*», que parece figurar aqui como garante da adequação moral e religiosa de tal empresa. Por fim, fazem-no dando provas de duas virtudes inatacáveis: «o amor filial» e o «serviço da Pátria».

Esta imagem de uma Alcipe ofertando à Pátria a primeira tradução poética completa do Saltério faz-se eco da representação que esta faz de si própria num poema relativo ao mesmo trabalho, incluído na edição póstuma das suas obras. Referimo-nos ao *Pensamento a respeito da minha paraphrase dos Psalmos*⁵¹, que transcrevemos:

Pensamento a respeito da minha paraphrase dos Psalmos

Nesta lingua tão doce se eu pudesse
Ler como leu Arator os seus versos,
A convicção dos Povos poderia
Ganhar os corações extraviados;
E o raio que accendeo o estro eximio
Do Rei profeta, reflectindo em almas,
Tornara em anjos os tenazes impios.

Acompanha esta composição a nota seguinte: «O Papa Virgilio mandou ler em publico o poema d'Arator em quatro cantos: o mesmo auctor o leo, e fizeram-no repetir tantas vezes que durou muitos dias a leitura, com maravilhoso effeito». Trata-se, como se verifica, da expressão de um desejo («se eu pudesse» v. 1) que é, também, uma declaração de intenções, legitimada pela comparação entre o sujeito poético e uma figura da História Sagrada. Como Arator, o poeta distinguido pelo papa Virgílio, o sujeito do texto de Alcipe diz procurar, através da transladação do Saltério «nesta língua tão doce» dar voz à «convicção dos Povos», «Ganhar os corações extraviados» e partir

⁵¹ *Obras Poéticas de D. Leonor d'Almeida Portugal Lorena e Lencastre, Marquesa d'Alorna, Condessa d'Assumar e d'Oeynhausien, conhecida entre os poetas portugueses pelo nome de Alcipe*, volume II, Lisboa, na Imprensa Nacional, 1844.

do texto de David para «Tornar em anjos» os «ímpios». Trata-se, pois, de tornar o texto dos Salmos acessível aos que não sabem latim, possibilitando a sua conversão.

É neste sentido que deve ser encarada, segundo cremos, a inclusão, nos volumes da edição de 1833, dos textos latinos dos salmos, que surgem ao lado do texto da paráfrase, numa disposição em duas colunas separadas por um filete tipográfico. A apresentação de cada texto mantém a indicação PSALMO e o seu número na Vulgata, seguido do primeiro versículo do texto latino, continuando depois com a disposição em duas colunas já referida. Esta compilação retoma, praticamente sem alteração, os textos já publicados em 1817, (as diferenças são de pontuação, de maiusculação e de ortografia) e a inclusão do texto latino - que pode ter sido sugerida a Alcipe pela leitura da obra de Mattei, cujas obras tinham tido uma nova edição, com a versão latina «*a fronte*» em 1823 -, parece corresponder a uma preocupação de assinalar o paralelo com a versão da *Vulgata* que é também didáctica, uma vez que possibilita a consulta e o reconhecimento do texto latino por aqueles que, não conhecendo esta língua, a ouviam regularmente durante as celebrações da liturgia. A disposição foi retomada na edição póstuma da obra completa vinda a lume em 1844, que apresenta, no entanto, para além de variantes textuais significativas, uma revisão total da forma de organizar o *corpus* das paráfrases. A comparação entre as duas edições é reveladora da atenção votada por D. Leonor de Almeida ao trabalho da paráfrase.

Do ponto de vista textual, a edição póstuma reproduz a edição de 1833, adoptando no caso dos salmos já publicados em 1817 soluções mais próximas desta versão quanto à pontuação, à ortografia e ao uso das maiúsculas. Por outro lado, a comparação entre as paráfrases de 1833 e as de 1844 revela que houve acrescentamento de estrofes em alguns dos poemas, (3 estrofes no Salmo XVII; uma estrofe no salmo CI, por exemplo), alterações essas que parecem ter sido efectuadas com o intuito de

conseguir uma correspondência mais explícita entre os versículos bíblicos e as estrofes parafraseadas. A presença deste tipo de modificações, que excede em muito o trabalho meramente editorial, parece indicar que a autora terá continuado a trabalhar os seus textos posteriormente a 1833. Sublinhe-se que o tomo VI das *Obras Poéticas* apresenta uma revisão total da forma de organizar o *corpus* das paráfrases: encontra-se dividido em 5 livros (a divisão é bem marcada por meio de cortinas, nas quais surgem os títulos isolados («LIVRO I DOS PSALMOS», «LIVRO II DOS PSALMOS», etc.) e o *incipit* latino de cada salmo é substituído pelos títulos da versão hebraica em latim e em português. A esta divisão vem somar-se a presença de classificações em subgrupos temáticos através de indicações entre parêntesis colocadas sob o número de ordem, do tipo: «salmo I dos penitenciais» ou «salmo II dos graduais», etc. Curiosamente, esta nova partição é explicada ao leitor logo na primeira ocorrência, numa nota assinada pelo «editor» - Carlos Manuel Soyé, em quem as filhas de Alcipe delegaram a responsabilidade da edição⁵² - nos seguintes termos:

Tem sido objecto de extensos debates, se a divisão do Pentateuco em cinco livros, como está no Hebraico, foi feita por Esdras, ou por quem primeiro colligiu os psalmos: que ella é antiga e reconhecida por S. Gregorio Nisseno, Stº Epitaphio, Eusebio e outros, não padece duvida; mas de qualquer modo que se decida a controversia, sempre será de pouco momento. Nós seguimos esta divisão unicamente para comodidade dos Leitores; e pelo mesmo motivo pusemos á margem da paraphrase o texto da Vulgata, assim como os títulos da mesma, correspondentes a cada salmo, na interpretação dos quaes títulos nos aproveitámos do trabalho do grande litterato Saverio Mattei, que os traduzio do hebraico original (*O editor*).

Esta referência a Mattei menciona apenas os títulos apostos a cada texto, mas é possível que o exemplo do italiano tenha estado na origem da colocação de espaços em branco entre os versículos em latim, bem como da numeração destes, observável na sua obra.

⁵² Carlos Manuel Soyé parece ter merecido a confiança de D. Leonor de Almeida ainda em vida desta, pois numa versão do seu testamento redigida em 1831, figura a indicação de que: «entre as pessoas que me tem feito serviços ninguém os tem feito com mais fidelidade, intelligencia e exactidão do que Carlos Manoel Soyé» ANTT Espólio das Casas de Fronteira e Alorna n° 134

Ao longo do volume são, aliás, frequentes, as notas do editor com referências ao trabalho de Mattei as quais convivem com reflexões do próprio Soyé (identificadas, na sua maior parte, com a indicação «O editor»), e com um pequeno número de observações atribuíveis a Alcipe (identificada como «a Auctora»). A nota que acabamos de referir parece-nos, ainda, importante a um outro nível: lança a suspeita de que tanto a última manipulação sofrida pela ordenação do *corpus* das paráfrases realizadas por D. Leonor de Almeida, como algumas das notas relativas a opiniões de Mattei sobre determinados salmos que surgem sem atribuição possam não ser da sua responsabilidade.

A consulta de dois manuscritos de Alcipe conservados no Arquivo da Torre do Tombo permite esclarecer, em parte, estas dúvidas⁵³. Trata-se de dois cadernos com encadernação de capa dura e lombada de couro, inventariados com os n.ºs 143 e 152, que contêm cópias a limpo das paráfrases dos salmos. Nem todas as cópias são autógrafas e encontram-se intercaladas por transcrições de outros poemas, não só da autoria de D. Leonor de Almeida mas, também, da de sua filha Henriqueta de Oeynhausen, cuja mão alterna com a daquela. O espaço de que dispomos não nos permite fazer neste lugar a descrição e inventariação exaustiva destes códices⁵⁴. Assinalaremos apenas que os textos relativos aos salmos aí incluídos correspondem, de um modo geral, à redacção impressa em 1833 mas que, tanto os copiados pela mão de Alcipe como os trasladados pela de sua filha, apresentam correcções autógrafas em cerca de 85 lugares, as quais, à excepção de três, foram incorporadas na edição de 1844. Para além destas modificações, que permitem documentar o facto de Alcipe ter continuado a apurar estas composições posteriormente a 1833, os manuscritos do espólio preservado no Arquivo da Torre do Tombo apresentam, junto de alguns textos,

⁵³ ANTT Espólio das Casas de Fronteira e Alorna n.º 143 e n.º 152.

⁵⁴ A sequência pela qual os textos das paráfrases dos salmos surgem nos referidos manuscritos do Arquivo da Torre do Tombo encontra-se representada em apêndice anexo.

notas circunstanciais, também autógrafas, que as edições impressas não registaram, mas que nos parecem do maior interesse. Assim, junto da adaptação do salmo LIX *Deus repulisti nos* figura a inscrição: «2 de Maio de 1823»; na adaptação do salmo XXXIV *Judica Domine, nocentes me* figura, junto da paráfrase do verso: «Inconsequentes fábulas armaram» a indicação: «Obras do P. J. A. de M.» e, por fim, no poema correspondente ao salmo XXVI *Dominus illuminatio mea, et salus mea* as estrofes relativas aos versículos 8 e 9, surgem anotadas do modo seguinte:

Tu já no teu tabernac'lo (a)	(a) Chellas
Nos maos dias me escondeste,	
E contra forças iniquas (b)	(b) Pombalenses
Benigno me protegeste.	
Sobre pedestal pomposo (c)	(c) Vienna d'Austria
Outr'ora me colocaste,	
E acima de meus contrarios	
A frente me levantaste	

Tal como a data aposta junto do salmo dedicado à aclamação de D. João VI no opúsculo de 1817, estas indicações estabelecem uma associação entre o texto da paráfrase (e indirectamente o do salmo) e as circunstâncias da biografia da autora, que permite acrescentar, ao alcance geral da mensagem do texto bíblico, a expressão de uma prece individual. Visto a esta luz, o interesse pela *Paráfrase dos salmos* manifestado por D. Leonor de Almeida, parece resultar de uma familiaridade com o os textos do Saltério que lhe permitiu, ao longo do tempo, encará-los quer como leitura piedosa, quer como fonte de inspiração poética, quer ainda como forma de expressão de emoções individuais.

O que poderá significar a publicação das parafrases dos salmos na estratégia de afirmação de Alcipe como escritora?

Como se sabe, D. Leonor de Almeida não publicou em vida a sua obra poética. Esta só viu a luz 5 anos após a sua morte, em 1844, por iniciativa de suas filhas

Frederica e Henriqueta. A correspondência conservada permite documentar que o facto de a autora não ter dado à estampa a sua poesia «profana», chamemos-lhe assim, não se deveu a qualquer impedimento fortuito, mas correspondeu à sua vontade. Uma tal atitude leva-nos a tentar perceber qual a lógica subjacente à publicação das obras que foram dadas ao prelo em vida da autora. Um olhar atento permite concluir que foram seleccionadas de acordo com um critério que privilegiou textos *politicamente úteis* (como *De Buonaparte e dos Bourbons*, de Chateaubriand, publicado em 1814), *didácticos* (como as traduções da *Arte Poética* de Horácio e do *Essay on Criticism* de Pope publicados também em Londres em 1812⁵⁵) e *de edificação*, entre os quais colocaremos, para além das *Paráfrases dos Salmos*, de 1817 e de 1833, a tradução do *Ensaio sobre a indiferença em matéria de religião*, de Lamennais, dado à estampa em 1820⁵⁶. Estas escolhas revelam-nos a consciência que tinha Alcipe dos limites impostos pela sua época à actuação das mulheres, que deveriam ter uma presença discreta e éticamente exemplar⁵⁷. Se nem sempre conseguiu corresponder a ela na sua vida privada, procurou, através das obras que deu à estampa, identificar-se com essa imagem, manifestando num desejo duplo de reconhecimento e de legitimação.

⁵⁵ *A Arte Poética Poetica de Horacio e o Ensaio sobre a Critica de Alexandre Pope, em Portuguez dedicados à preciosa memória d'El Rei D. João IV por uma portugueza*, Londres, T. Harper, 1812.

⁵⁶ Lamennais, *Ensaio sobre a Indiferença em matéria de Religião*, (traduzido pela Condessa d' Oeynhausien), Lisboa, Imprensa Nacional, 1820.

⁵⁷ Tentámos desenvolver esta problemática nos trabalhos seguintes: Vanda Anastácio, «Mulheres varonis e interesses domésticos (Reflexões acerca do discurso produzido pela História Literária acerca das mulheres escritoras da viragem do século XVIII para o século XIX)» *Cartographies. Mélanges offerts à Maria Alzira Seixo. Ariane*, nºs 18-20, Lisboa, 2003/2005, pp. 537-556; *Idem*, «Cherchez la Femme. A propos d'une forme de sociabilité littéraire à Lisbonne, au tournant du XVIIIe siècle» *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, (número dedicado ao tema «Sociabilités intellectuelles»), Lisboa-Paris, Centro Cultural Calouste Gulbenkian, 2005, pp. 93-101.

Quadro comparativo dos salmos trabalhados pelos parafrazeadores portugueses citados. (A indicação STK indica os salmos parafrazeados por Garção Stockler)

	TORRES 1806	ALORNA 1817	ALORNA 1833	ALORNA 1844	CALDAS /STK 1820	B.CARNEIRO 1827
1.	LXIV	VI	I	I	I	I
2.	L	XXXI	II	II	II	II
3.	XVII - I	XXXVII	III	III	III	
4.	II	L	IV	IV	IV (2vezes)	IV
5.	CIII- I	CI	V	V	V	V
6.	II	CXXIX	VI	VI	VI	VI
7.		CXXX	VII	VII	VII	
8.		CXLII	VIII	VIII	VIII	VIII
9.		LXXI	IX	IX	IX-I IX-II	
10.		XLIV	X	X	X	
11.		C.MOISES	XI	XI	XI	XI
12.			XII	XII	XII	
13.			XIII	XIII	XIII (2XX)	XIII
14.			XIV	XIV	XIV	XIV
15.			XV	XV	XV	
16.			XVI	XVI	XVI	
17.			XVII	XVII	XVII	XVII
18.			XVIII	XVIII	XVIII(2vezesSTK)	XVIII
19.			XIX	XIX	XIX	XIX
20.			XX	XX	XX	XX
21.			XXI	XXI	XXI (2vezes)	
22.			XXII	XXII	XXII	XXII
23.			XXIII	XXIII	XXIII	XXIII
24.			XXIV	XXIV	XXIV	XXIV
25.			XXV	XXV	XXV	
26.			XXVI	XXVI	XXVI	XXVI
27.			XXVII	XXVII	XXVII	XXVII
28.			XXVIII	XXVIII	XXVIII (2vezes)	
29.			XXIX	XXIX	XXIX	XXIX
30.			XXX	XXX	XXX 2 XX	XXX
31.			XXXI	XXXI	XXXI	XXXI
32.			XXXII	XXXII	XXXII	XXXII
33.			XXXIII	XXXIII	XXXIII	XXXIII
34.			XXXIV	XXXIV	XXXIV	
35.			XXXV	XXXV	XXXV	
36.			XXXVI	XXXVI	XXXVI	XXXVI
37.			XXXVII	XXXVII	XXXVII	XXXVII
38.			XXXVIII	XXXVIII	XXXVIII	XXXVIII
39.			XXXIX	XXXIX	XXXIX	XXXIX
40.			XL	XL	XL	XL
41.			XLI	XLI	XLI	XLI
42.			XLII	XLII	XLII	XLII
43.			XLIII	XLIII	XLIII	
44.			XLIV	XLIV	XLIV (2vezes)	
45.			XLV	XLV	XLV	XLV
46.			XLVI	XLVI	XLVI	XLVI
47.			XLVII	XLVII	XLVII	XLVII
48.					XLVIII	
49.					XLIX	
50.					L (2vezes)	
51.					LI	
52.					LII	

53.					LIII	
54.					LIV STK	
55.					LV STK	
56.					LVI STK	
57.					LVII	
58.					LVIII STK	
59.					LIX STK	
60.					LX	
61.					LXI STK	
62.					LXII	LXII
63.					LXIII STK	
64.					LXIV STK	
65.					LXV STK	LXV
66.					LXVI STK	LXVI
67.					LXVII STK	
68.					LXVIII	
69.					LXIX	
70.					LXX	
71.					LXXI	
72.					LXXII	LXXII
73.					LXXIII	LXXIII
					LXXIV	
76.					LXXV	LXXVI
77.						LXXVII
78.						LXXVIII
79.						LXXIX
83.						LXXXIII
84.						LXXXIV
88.						LXXXVIII
91.						XCI
92.						XCII
94.						XCIV
95.						
96.						XCVI
99.						XCIX
102.						CII
103.						CIII
104.					CIV	CIV
105.						CV
106.						CVI
110.						CX
111.						CXI
112.						CXII
113.						CXIII
114.						CXIV
115.						CXV
116.					CXVI	
117.						CXVII
118.						CXVIII

119.						CXIX
120.						CXX
121.						CXXI
122.						CXXII
123.						CXXIII
124.						CXXIV
125.						CXXV
126.						CXXVI
127.						CXXVII
129.						CXXIX
133.						CXXXIII
134.						CXXXIV
136.					CXXXVI	
137.						CXXXVII
138.						CXXXVIII
143.						CXLIII
144.						CXLIV
145.						CXLV
146.						CXLVI
147.						CXLVII
148.						CXLVIII
149.						CXLIX
150.						CL

Esquemas estróficos usados pelos parafraseadores citados (correspondendo as maiúsculas a versos de 10, 11 e 12 sílabas e as minúsculas a versos de 6, 7 e 8 sílabas)

	ALCIPE	ROUSSEAU	TORRES	CALDAS
1.	ABABcC			AbCdeF...
2.	ABCBDDEE			<i>Ode Pindárica</i>
3.	ABAcDD			ABcDEf...
4.	AbCB			1) <i>Cantata</i> 2)ABABcCdD
5.	abcb			abbaecdd
6.	abcb			ABCd
7.	ABAcdegefFGhH			ABCd
8.	abcb			Abcb
9.	ABCd			I-ABCd II-ABc
10.	AbBaCdCddDeFgFhHII			<i>Ode Pindárica</i>
11.	ABbCDD			AbCdeF...
12.	AbABcDCD			Abcb
13.	<i>Cantata</i>			1)AbCdeF... 2) abbcdeec
14.	ABA/CDC/EFE/ <i>etc.</i>	abbaCC		<i>Cantata</i>
15.	abCBDD			AbCdeF...
16.	AbCbDD			ABCd
17.	ABcDD		<i>Cantata</i>	<i>Ode Pindárica</i>
18.	ABCc	ababccdeed		1)ABCd 2)abbcdeec

				STK ABCd
19.	ABaCC			ABc
20.	ABCdeefGG			ABCd
21.	ABCd			1) <i>OdePindárica</i> 2) abbcdeec
22.	AbAbCC			Abbcadee
23.	<i>Cantata</i>			ABc
24.	<i>Cantata</i>			ABCd
25.	ABcDEE			AbCdEf...
26.	abcb			ABCd
27.	AbCDEfF			ABCd
28.	abbcdeec			1) abab 2) <i>OdePindárica</i>
29.	<i>Cantata</i>			ABCbDEE
30.	ABbCC			1)AbCdEf 2) <i>OdePindárica</i>
31.	ABA/CDC/EFE/ <i>etc.</i>			AbcD
32.	abcb			Abcbdeeb
33.	ABABcC			AbCD
34.	ABA/CDC/EFE/ <i>etc.</i>			ABCd
35.	ABCadEE			AbCdEf
36.	ABA/CDC/EFE/ <i>etc.</i>			ABCd
37.	ABA/CDC/EFE/ <i>etc.</i>			ABCd
38.	ABCd			ABCd
39.	ABcddB			AbCD
40.	abcb			Ababbcdcd
41.	abcbdefe			Abacaddc
42.	abcbdd			ABCd
43.	ABCdb			Ababa
44.	<i>Epitalamio 2 coros</i>			abCDEFgHG <i>Cantata</i>
45.	ABCDBEE			<i>Ode Pindárica</i>
46.	abcb			ABCd
47.	<i>Cantata</i>			Ababcdedec
48.	ABCd	AABCCB		<i>Ode Pindárica</i>
49.	ABCd			ABCd
50.	ABAcC		abacdeec	1) ABc... 2) abbcdeec
51.	ABcdD			AbCdEf...
52.	<i>Nota da Autora = XIII</i>			<i>Nota= XIII</i>
53.	abcb			AbcB
54.	<i>Cantata</i>			STK aBCDeF
55.	ABcbDeFgHH			STK ABCd
56.	abcb			STK AbCd...
57.	ABcDD	abbacaC		<i>Cantata</i>
58.	ABcDD			STK AbcD
59.	AbbCDD			STK ABCdEf
60.	ABA/CDC/EFE/ <i>etc.</i>			AbCbC
61.	ABbCC			STK ABcDeF
62.	abcb			Abcb
63.	ABcDD			STK ABCd
64.	AbcCDD		<i>O.Pindárica</i>	STK ABCd
65.	ABCcDD			STK Cantata
66.	abcb			STK aBCDeF
67.	AbCdEFF			STK ABcdEF
68.	abcb			ABCd
69.	abcb			Abba

70.	ABbCC			aBCdD
71.	ABCd	abbacdede		<i>Cantata</i>
72.	ABcDEE	ABBAb		ABCd
73.	AbCC			<i>Cantata</i>
74.	ABcdEE			AbCdEf...
75.	ABcdEFF	ABCDdc		Abbc
76.	ABA/CDC/EFE/ <i>etc.</i>			
77.	<i>v.solto + v.emparelhado</i>			
78.	ABCcDD			
79.	<i>Cantata</i>			
80.	ABCDEFgHH			
81.	<i>Cantata</i>			
82.	ABCd			
83.	abcbeff			
84.	ABcDD			
85.	abcb			
86.	ABCDeFF			
87.	ABCBDDeFF			
88.	ABA/BCB/DED/ <i>etc.</i>			
89.	abcb			
90.	ABCd	ababccdeed		
91.	ABCdEE			
92.	ABCdeFGG			
93.	ABCdeFF	AbabCCb		
94.	abCDEE			
95.	ABCdefdGG			
96.	<i>Cantata</i>	aBcB		
97.	ABcdedFF			
98.	ABCdEE			
99.	abcbdd			
100.	ABcdceFGF			
101.	abcb			
102.	ABCdD			
103.	ABABcC + [Hino] Hino: abbc/deec/fggc		<i>Cantata</i>	
104.	ABcdEE			ababa
105.	ABCdEE			
106.	<i>Cantata dialogada</i>			
107.	ABCdD			
108.	AbcdEE			
109.	ABCdeE			
110.	ABA/CDC/EFE/ <i>etc.</i>			
111.	ABCdEfF			
112.	Abcb			
113.	Abcbdefe			
114.	Abcb			
115.	AbcC			
116.	Abcbdd			abcbdefe
117.	<i>Drama</i>			
118.	ABCcDD (I e XXII)			
119.	ABA/CDC/EFE/ <i>etc.</i>	ababccdd		
120.	abcb			
121.	<i>Cantata</i>			
122.	abcb			
123.	abcb			

124.	abcbdee			
125.	abcbded			
126.	abcb			
127.	abbc			
128.	ABbCC			
129.	abcb			
130.	abbc			
131.	abcb			
132.	abcb			
133.	abcbdd			
134.	ABcdEE			
135.	abcbded (repete refrão)			
136.	abcbdd			abba
137.	ABCdefe			
138.	ABCabDD			
139.	abcb			
140.	ABCB			
141.	<i>Cantata</i>			
142.	<i>Cantata</i>			
143.	ABAcdDEFF	ababccdeed		
144.	abcbdd			
145.	1) abcb	aaBcbC		
	2) AbCdEE			
146.	AbCDeE			
147.	ABaB			
148.	+ 149 + 150			
149.	+148 + 150			
150.	7 vs+6vs+oitavas			
C.Moises	ABCbDD			
C.David	abbc			
Zacarias	ABCB			
Hino	abcd			
Hino	abcb			
St.Ambrosio	Decassílabos soltos			
Ezechias		ababccdeed		

Localização das paráfrases dos salmos de Alcipe nos mss. do Arquivo da Torre do Tombo

Fólio	MS (143)	Fólio	MS (152)
4v	XL	1r	XXXVIII
5r	II	2v	XXXIX
6r	V	5r	XLIX
6v	XXXVI	7r	XLII
8r	VII	8r	XLIII
9r	IX	9v	XLV
9v	IX (2ª Parte)	10v	XLVI
10v	XI	12r	XLIII
11r	XIII	15r	XLVII
11v	XIV	17r	LXIX
12r	XV	17v	LI
13r	XVI	18v	LIV
14r	XVII	21r	LV
16r	XIX	22v	LX
16v	XX	23v	LXI
17v	XXI	25r	LXIII

19r	XXIII	26r	LXIV
19v	XXIV	27v	LXV
20v	XXV	29v	LXVI
21v	XXVII	30r	LXVII
22r	XXVIII	35r	LXX
23r	XXIX	37v	LVII
23v	XXX	38v	LIX
25r	XXXII	40r	LVIII
26r	XXXV	42r	LIII
38v	CI (5 ^o penit.)	43v	<i>Veni sancte spiritus</i>
42r	VI (1 ^o penit.)		
43v	XXXVII(3 ^o penit)		
45v	XXXI (2 ^o penit.)		
46v	L (4 ^o penit.)		
48v	CXXIX (6 ^o penit.)		
49v	CXLII (7 ^o penit.)		
51v	XLIV		
63v	Cantico Moisés		
70r	IV		
71v	XC		
72v	XLI		
78r	LXII		
79v	LXXI		
83r	XXXIII		
85r	CXLI		
86v	XXXIV		
88v	XVIII		
90r	CXXXVI		
92v	VIII		
94r	I		
95r	LVI		
96v	LXXXIX		
99r	XXII		
100r	XII		
102r	CIII		
106r	XXVI		
108r	X		
109r	LXXXVIII		
112v	CXXV		
113v	LXVII		
117v	<i>Te Deum laudamus</i>		
118v	LXXXVII		
121v	LXVIII		

BIBLIOGRAFIA

- ABADÍA, José Pedro Tosaus, *La Biblia como Literatura*, Estella (Navarra), Editorial Verbo Divino, 1996
- ALCIPE, *Paraphrase dos psalmos em vulgar por Alcippe ou L. C. d'O. Hoje M. d'A.*, 2 vols., Lisboa, 1833.
- ALMEIDA, Fortunato de *Historia da Igreja em Portugal* 2^a edição, Porto-Lisboa, Liv. Civilização, 1970, vol. III.
- ALORNA, Marquesa de, *Obras Poéticas de D. Leonor d'Almeida Portugal Lorena e Lencastre, Marquesa d'Alorna, Condessa d'Assumar e d'Oeynhausien, conhecida entre os poetas portugueses pelo nome de Alcipe*, volume II, Lisboa, na Imprensa Nacional, 1844.

- ANDRADE, António A. Banha de, *Verney e a Cultura do seu Tempo*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1965.
- BATTEUX, *Les quatre poétiques: d'Aristote, d'Horace, de Vida, de Despréaux*, 2 vols., Paris 1771.
- *Principes de la littérature par M. l'Abbé Batteux, Professeur Royal, de l'Académie Française & de celle des Inscriptions & Belles – Lettres*, Nouvelle edition, 4 vols., Paris, Chez Desaint & Saillant, 1764
- BELAVAL, Y. e BOUREL, D. *Le siècle des Lumières et la Bible*, Paris, Beauchesne, 1986.
- BELLO VÁZQUEZ, Raquel, *Uma certa Ambição de Glória. Trajectória, redes e estratégias de Teresa de Mello Breyner nos campos intelectual e do poder em Portugal (1770-1798)*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Santiago de Compostela, Santiago, 2005
- BOLAMA, Marquês de Ávila e, *A Marquiza d'Alorna. Algumas noticias authenticas para a história da muito illustre e eminente escriptora.*, Lisboa, Impr. Manuel Lucas Torres, 1916.
- CALDAS, Pe Antonio Pereira de Souza, *Psalmos de David vertidos em rhythmo portuguez* Paris, Off. de P. N. Rougeron, 1820
- CARNEIRO, Manuel Borges *Resumo de alguns dos Livros Santos*, Lisboa, Na Impressão Régia, 1827
- CASTILHO, Júlio de, *Memórias de Castilho*, 2 vols., Lisboa, Academia Real das Ciencias, 1881.
- CASTRO, Zília Osório de, *Cultura e Política: Manuel Borges Carneiro e o Vintismo*, Lisboa, INIC- Centro de História da Cultura da Universidade Nova, 1990, vol. II.
- DELON, Michel (org.) «Bible» *Dictionnaire européen des Lumières*, Paris, PUF, 1997.
- DEFONTAINES, Pierre François Guyot *Poésies sacrées traduites ou imitées des Psaumes Rouen, Michel Lallemand (1717)*
- FIGUEIREDO, António Pereira de, *Livro dos Salmos ou saltério*, Lisboa, Régia officina Typografica, 1782.
- FENELON, *De l'éducation des filles*, Paris, Hatier, 1952.
- FERREIRA, G. L. Santos *A Bíblia em Portugal. Apontamentos para uma monographia 1495-1850*, Lisboa, Typ. De Ferreira de Medeiros, 1906.
- FERRER, Véronique «Apprendre a etre roi: la leçon poliqtique des psaumes dans les médittions d'Aubigné et de Duplessis-Mornay» *Nouvelle Revue du Seizième siècle*, Paris-Genève, Librairie Droz, n° 22/2, 2004, pp. 95-109
- FLEURY, Abbé Claude, *Traité du choix et de la méthode des études*, Paris, Jean Thomas Herissan, 1759.
- , *Discours sur l'Histoire Ecclesiastique*, Porto, F. Clamopin Durand, 1774.
- GODINEAU, Dominique, «La femme», *L'Homme des Lumières*, Paris, Éditions du Seuil, 1996, pp.
- GUIMARÃES, José Ribeiro de, «Recordações da Marquesa de Alorna», *Summario de Vária História*, Lisboa, 1874, pp. 213-216.
- HESPANHA, António, As identidades eminentes: católicos, europeus, hispânicos» in *História de Portugal*, (dir. José Mattoso), vol IV, Lisboa, Círculo de Leitores, 1993, pp. 20-25.
- LAPLANCHE, F. *La Bible en France. Entre mythe et critique XVIe-XIX e siècles*, Paris 1994
- LOPES, Maria Antónia, *Mulheres, espaço e sociabilidade : a transformação dos papéis femininos em Portugal à luz de fontes literárias (segunda metade do século XVIII)*, Lisboa, Livros Horizonte, 1989.
- LÜCKER, Maria Die französischen Psalmenübersetzungen des XVIII. Jahrhunderts als Ausdruck der geistigen Strömungen der Zeit, Bonn und Köln, Ludwig Röhrscheid, 1933
- MATTEI, Saverio, *I Libri Poetici della Biblia, tradotti dall'ebraico originale ed adattati al gusto della Poesia Italiana*, 7 vols., Napoli, Presso Giuseppe Maria Porcelli, 1779-1780
- NORTON, *A History of the Bible as Literature*, vol II, *From 1700 to the present Day*, 1993.
- [OEYNHAUSEN, Condessa de], *Parafrase a vários psalmos*, Lisboa, Impressão Régia, 1817.
- PEARSON, Jacqueline, *Women's Reading in Britain 1750-1835. A dangerous recreation*, Cambridge, Cambridge University Press, 1999.

- PETAVEL, Emanuel *La Bible en France ou les traductions françaises des Saintes Ecritures, Etude historique et littéraire*, Genève, 1970.
- ROLLIN, Charles, *De la maniere d'enseigner et d'etudier les Belles-Lettres par raport à l'esprit & au Coeur*, Paris, Chez la Veuve Estienne, & Fils, rue de Saint Jacques, à la Vertu, 1748 [1ª edição 1726-1728]
- ROUSSEAU, Jean-Baptiste *Oeuvres* Paris, 1753, *Odes Sacrées*, [1ª edição: 1712]
- SANTOS, Zulmira C. «Luzes e Espiritualidade: itinerários do século XVIII» *História Religiosa de Portugal* [dir. Carlos Moreira de Azevedo], vol 2, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000, pp. 38-47.
- STOCKLER, Garção «Discurso sobre a Língua e a Poesia Hebraica» in Antonio Pereira de Souza Caldas, *Psalmos de David vertidos em rhythmo portuguez*, Paris, Off. de P. N. Rougeron, 1820.
- TORRES, Domingos Maximiano, *Versos do Bacharel Domingos Maximiano Torres, denominado Alfeno Cynthio*, Lisboa, Typ. Nunesiana, 1791.
- , *Ensayos Metricos sobre a Parafrase dos Psalmos* pelo Bacharel Domingos Maximiano Torres, Correspondente da Academia Real das Sciencias, Lisboa, Na Impressão Régia, 1806.